



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE ARTES
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO ARTÍSTICA – CÊNICAS

**A LEITURA DRAMÁTICA COMO INSTRUMENTO DE ACESSIBILIDADE AO
TEATRO PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL**

Maria Helena da Silva Santos

Ipatinga – Minas Gerais
2014

MARIA HELENA DA SILVA SANTOS

**A LEITURA DRAMÁTICA COMO INSTRUMENTO DE ACESSIBILIDADE AO
TEATRO PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL**

Trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em Teatro, habilitação em docência para aulas de teatro do Ensino Fundamental e Ensino Médio, do Departamento de Artes Cênicas do Instituto de Artes da Universidade de Brasília.

Orientadora: Professora Mestre Vanessa Paula da Ponte

MARIA HELENA DA SILVA SANTOS

**A LEITURA DRAMÁTICA COMO INSTRUMENTO DE ACESSIBILIDADE AO
TEATRO PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL**

Trabalho de conclusão de curso aprovado, apresentado a UnB – Universidade Federal de Brasília, ao Instituto de Artes CEN como requisito para obtenção de título de Licenciatura em Teatro, com nota final igual a _____ sob orientação da Professora Mestre Vanessa Paula da Ponte.

Ipatinga, 22 de novembro de 2014.

Professora Mestre Vanessa Paula da Ponte

Professora Angélica Beatriz Souza e Silva

Professora Doutora Sulian Vieira Pacheco

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a memória de meu pai, Oeles Hemetrio dos Santos, com quem aprendi sobre disciplina e integridade. Tenho certeza de que onde ele está, vela por mim e se alegra com minhas conquistas.

Dedico também a minha mãe, minha companheira, Cristina Mateus da Silva, meu exemplo de superação e coragem. Com ela tenho aprendido que a vida sempre nos traz gratas surpresas e que sempre é tempo de viver feliz.

Dedico a Associação dos Deficientes Visuais de Ipatinga (ADEVIPA), que com generosidade e profissionalismo me abriram as portas de sua casa e deram total liberdade à pesquisa, em especial às pessoas com as quais aprofundei minha investigação e que foram a luz que conduziu meu caminho para as respostas aos meus questionamentos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, na pessoa de Jesus Cristo, por conceder tantas graças à minha vida. Por me ensinar a “amar a Deus acima de todas as coisas e amar ao próximo como a si mesmo”. Com fé e confiança no amor de Deus, procuro seguir este ensinamento em minha caminhada.

Agradeço a minha família pelo apoio e por entender minhas ausências em decorrência de muitos compromissos na trajetória deste curso e em minha profissão. Vocês são meu porto seguro, onde sei que posso encontrar aconchego em qualquer momento de minha vida. Agradeço aos amigos que sempre acreditaram e me apoiaram na busca da realização de meus sonhos e desejos.

Agradeço a meu amigo Ailton Amâncio Pereira, com quem dei os primeiros passos na descoberta de minha vocação e profissionalização artística.

Agradeço a minha amiga Luzia de Resende Mendes, minha parceira no Grupo Perna de Palco, que me apresentou à linguagem teatral e com quem continuo aprendendo e dividindo experiências que me tornam não só uma profissional, mas um ser humano melhor.

Agradeço a minha amiga Rita Maria Knop, companheira de tantas experiências com o teatro e que, com tanto carinho, desprendimento e competência fez a revisão deste trabalho. Agradeço a cada um dos professores deste curso, em especial àqueles com os quais tive contato presencial e que de forma tão generosa partilharam conosco seus saberes, nos motivando e tornando nosso aprendizado prazeroso e especial.

Agradeço a todos os tutores a distância, sobretudo àqueles que foram exigentes nas correções dos trabalhos e contribuíram para a melhoria de minha escrita e desenvolvimento de raciocínio.

Agradeço aos tutores presenciais Denilson, por sua seriedade, competência e parceria nos encontros presenciais e a Olga Mendes, pela parceria e pelo exemplo inspirador de amor verdadeiro e incondicional à educação.

Agradeço aos colegas de curso com quem partilhei momentos de dúvidas, questionamentos, aprendizado, cumplicidade, camaradagem e crescimento.

Agradecimento mais que especial a minha orientadora neste trabalho, Vanessa Paula da Ponte, que com tanto carinho, generosidade e competência, me acompanhou, dando-me segurança, confiança e motivação em toda trajetória de construção desta pesquisa. Ela foi mais um presente que Deus enviou para estar ao meu lado nesta etapa de minha caminhada.

RESUMO

O presente trabalho apresenta uma proposta de interpretação fruto de observação, análise e escrita das narrativas de pessoas com deficiência visual acerca de suas experiências de recepção, participação, reações e sensações em um processo de vivência com leituras dramáticas. Esta pesquisa qualitativa com abordagem etnográfica foi realizada na Associação dos Deficientes Visuais de Ipatinga (ADEVIPA), em Ipatinga, Minas Gerais e aponta que as experiências com as leituras dramáticas podem contribuir com a acessibilidade de pessoas com deficiência visual ao teatro, à educação pelas artes e para reflexões sobre seus próprios direitos. Ela possibilita refletir sobre o entendimento desses sujeitos em profundidade, observando atentamente a visão da sociedade sobre os mesmos.

Palavras chave: teatro, leitura dramática, acessibilidade, pessoas com deficiência visual, construção imaginária.

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA	4
AGRADECIMENTOS.....	5
RESUMO	6
INTRODUÇÃO	8
Primeiros passos	8
Caminhos metodológicos	11
1 CAPÍTULO I - ASSOCIAÇÃO DOS DEFICIENTES VISUAIS DE IPATINGA.....	16
1.1 Histórico, espaço e funcionamento, atividades disponíveis.....	16
2 CAPÍTULO II – A LEITURA DRAMÁTICA NA ADEVIPA	24
2.1 O público	24
2.2 A leitura.....	25
2.3 As reações do Público.....	27
2.4 De como as vivências com a leitura dramática perpassaram as vidas de três pessoas com deficiência visual.....	29
2.5 Sugestões para a realização de leituras dramáticas em espaços alternativos como associações escolas, bibliotecas, etc.	34
2.6 Toques para uma leitura dramática	35
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERENCIAS	38
ANEXO 1 - Perguntas base das entrevistas	42
ANEXO 2 - Texto da leitura dramática	43

O ato de ver e olhar não se limita a olhar para fora, não se limita a olhar o visível, mas também, o invisível. De certa forma, é o que chamamos de imaginação. (Oliver Sacks, 2002– Documentário Janela da alma)

INTRODUÇÃO

Primeiros passos

Este trabalho propõe a interpretação de narrativas de pessoas com deficiência visual sobre suas experiências acerca da recepção e participação em leituras dramáticas realizadas na **Associação dos Deficientes Visuais de Ipatinga (ADEVIPA)**, situada em Ipatinga, Minas Gerais. Esta pesquisa qualitativa, com abordagem etnográfica, tem como foco analisar, documentar e refletir acerca das reações e sensações provocadas nessas pessoas, frente ao processo de escuta de uma obra teatral¹. Por meio da observação participante, busquei construir uma relação dialógica com os sujeitos envolvidos, a fim de tomar conhecimento sobre suas vivências em tais leituras e como as mesmas podem ressoar em suas construções imaginárias, na acessibilidade à arte e em suas próprias histórias de vida².

Os sujeitos desta pesquisa foram pessoas com perda total e baixa visão que frequentam **Associação dos Deficientes Visuais de Ipatinga (ADEVIPA)**, que foi inaugurada em 2005 por um grupo de pessoas com deficiência visual, com objetivo de construir uma associação que os representasse na luta pelos seus direitos e na busca do atendimento de suas necessidades.

É importante mencionar que, nestas páginas, compreenderei “Deficiência visual” em sintonia com Marta Gil (2000) que classifica a deficiência visual em três categorias, a saber: as pessoas com **visão subnormal**, as que conservam resíduos da visão e são capazes de enxergar a uma distância de três metros. Com **baixa visão**, aquelas que possuem visão restrita, sendo capazes de enxergar apenas vultos, claridade e objetos a pouca distância.

¹Segundo a *Britannica – Escola Online*, uma obra ou peça teatral é uma encenação de uma história frente ao público. Pode ser apresentada em um teatro, casa de espetáculos, na rua ou em espaços alternativos.

² Particpei da leitura dramática realizada na ADEVIPA. Aqui como contexto artístico, aquele onde se pode apreciar ou produzir arte. Trato neste trabalho como construções imaginárias, as idéias criadas na imaginação dos indivíduos presentes na leitura dramática, sobre a história que ouviram.

Conseguem ler textos impressos usando óculos especiais ou lupas. E o último tipo, foco desta pesquisa, a **cegueira ou perda total da visão**, que pode ser adquirida ou congênita.

Na busca por uma terminologia correta para a pesquisa, atentei também para os seguintes autores: Motta (2004) Masini, (1990); Monteiro (2012). Apesar das diferentes temáticas abordadas pelos mesmos, os referidos estudiosos afinam na reflexão de que a terminologia para se referir às pessoas com deficiência tem sido discutida em movimentos mundiais de pessoas com deficiências, sobre o termo pelo qual estas pessoas gostariam de ser chamadas. Nestas discussões concluiu-se que o termo ‘pessoas com deficiência’ é adequado, pelo fato de não ser necessário evitar a palavra deficiência, camuflando a mesma e evitando a falsa ideia de que todos os seres humanos têm algum tipo de deficiência. Seguindo estas orientações e respeitando as expectativas das pessoas com quem interagi in loco, decidi usar o termo ‘pessoas com deficiência visual’.

Vale ressaltar que as pessoas com perda total da visão, com as quais aprofundi na pesquisa, nasceram com problemas visuais e que em etapas distintas de suas vidas os problemas se agravaram e elas perderam totalmente a visão.

As leituras dramáticas que foram realizadas com parte do público da associação serão compreendidas de acordo com os ensinamentos de Metzler, 2006 (*apud* Almeida e Gonçalves, s/d) que entende leitura dramática como “a apresentação de um texto dramático para o público, feito por atores, usando um texto impresso em mãos. Esta leitura pode também ser utilizada para o estudo de uma montagem teatral.” (Metzler, 2006 *apud* Almeida e Gonçalves s/d).

O fator mais importante para a escolha da temática desta pesquisa é fruto de minha experiência profissional no Grupo Perna de Palco³ principalmente na realização de leituras dramáticas. Em vários trabalhos, realizados pelo grupo, com leituras dramáticas, vendamos os olhos do público e percebemos, por meio de seus relatos e manifestações, que sua capacidade de abstração era maior, pois privado da visão, o sentido da audição era mais aguçado, despertando o interesse das pessoas para sua capacidade de imaginação criativa. Segundo relato de participantes, “com os olhos fechados a gente presta mais atenção e viaja na história”. “Em alguns momentos, senti o cheiro da comida ouvindo o barulho dos talheres nos

⁴O Grupo Perna de Palco foi fundado por Luzia di Resende em 1996 na cidade de Ipatinga, Minas Gerais. Produz um trabalho de continuidade pesquisando e apresentando a cultura brasileira em forma de linguagem teatral. O anseio criativo fez nascer em 1996 o primeiro trabalho da companhia. O grupo possui um espaço de criação e pesquisa, apresentações de espetáculos e oficinas. Dentre os projetos realizados pelo grupo, destacam-se as oficinas permanentes de apresentação da linguagem teatral, “Nesta noite se improvisa”, mostra de cenas curtas com grupos convidados; Solus – Mostra de solos verbais e não verbais, dentre outros.

pratos”. “Consegui ver as cores das roupas que as pessoas estavam usando”. Este momento instigou em mim o desejo de compreender e investigar essas vivências e os processos de construção imaginária de pessoas com deficiência visual, em relação às leituras dramáticas e como tais leituras ressoariam em suas vidas. Se pessoas videntes relatavam maior fruição na leitura dramática com os olhos vendados, me perguntava: qual seria o processo de construção imaginária do espetáculo em pessoas com deficiência visual? Esta foi a primeira pergunta que surgiu suscitando em mim o desejo de desenvolver o trabalho que ora apresento.⁴

Outro fator que despertou o desejo de desenvolver este trabalho foi o caminho que fiz como estudante do curso de Licenciatura em Teatro pela EAD/UnB; neste percurso de aprendizagem, tive a oportunidade de questionar e refletir sobre o que a arte pode proporcionar como instrumento de crescimento dos indivíduos. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), para o Ensino Fundamental coloca que, além de ser uma forma privilegiada de conhecimento, a arte aproxima indivíduos de diferentes culturas, favorecendo o reconhecimento de suas diferenças e semelhanças expressadas em seus produtos e concepções artísticas.

Essas reflexões me levaram e continuam levando a questionar sobre como a apreciação e aprendizagem pela arte pode formar indivíduos críticos e conscientes do mundo em que vivem. Freire (1967), falando em *Educação e Conscientização*, orienta que a educação deve estar identificada com as condições de nossa realidade, integrada ao nosso tempo e espaço, de forma que leve “o homem a refletir sobre sua ontológica vocação de ser sujeito”. (Freire, 1967, p.5)

Segundo Gadotti (2007) Paulo Freire sonhava com uma sociedade para todos e afirma ainda que a educação pode preparar as pessoas para a construção desta nova sociedade, ensinando-as “com um novo paradigma de conhecimento, com uma visão do mundo onde todas as formas de conhecimento tenham lugar”. (Freire, *apud* Gadotti, 2007, p.66) Buscando seguir estes ensinamentos, decidi abordar um tema que me levasse a uma investigação ligada à educação, cujos conhecimentos adquiridos em minha trajetória artística e acadêmica pudessem ser aplicados.

⁴Evidentemente, compreendia desde o início que não convinha comparar a fruição de leituras dramáticas de pessoas videntes com olhos vendados com a fruição de pessoas com perda total da visão. São experiências absolutamente plurais. Porém, a recepção das pessoas videntes que assistiram ao espetáculo com olhos vendados instigou a tal investigação.

No trabalho em campo e na fundamentação teórica consultada, percebi que ainda há carência de trabalhos desenvolvidos na área artística, que estejam voltados para a compreensão das relações das pessoas com deficiência visual com a leitura dramática, com o teatro. Proponho-me, nesta pesquisa, refletir sobre esta relação em uma busca que me leve ao entendimento dos sujeitos em profundidade, observando atentamente a visão da sociedade sobre os mesmos.

Essas experiências na minha trajetória profissional e acadêmica inspiraram a vontade de desenvolver o tema descrito e ajudaram a formular questões que desejo tratar neste trabalho: Quais as vivências de pessoas com deficiência visual na participação da leitura dramática? Esta seria uma opção eficaz para o acesso das mesmas ao teatro? Provocariam nelas maior interesse para sua capacidade criativa e pela arte? Esperava com a pesquisa de campo, em uma troca dialógica com as pessoas, iluminar tais questionamentos. Segundo Anastácio e Tureck (s/d, p. 153), é fundamental em experiências de trabalho em interação com pessoas cegas “compreender as linguagens verbais (e artísticas) enquanto instrumentos de mediação dessas pessoas na apropriação da cultura.” Minhas vivências nas trocas com as pessoas com deficiência visual na ADEVIPA me levaram a buscar a leitura dramática como instrumento de mediação das mesmas com o teatro.

Espero que minhas vivências com as pessoas com deficiência visual na ADEVIPA e as questões que instigaram este trabalho possibilitem a ponderação de questões da vida de outras pessoas que expressaram e expressam em seus discursos preocupações e dilemas semelhantes aos que foram levantados nesta investigação. Espero que as reflexões presentes nesta monografia contribuam para o aprendizado de outros alunos do curso de Licenciatura em Teatro em reflexões e estudos sobre possibilidades criadas no convívio com a arte e de como a leitura dramática pode promover acessibilidade das pessoas com deficiência visual ao teatro.

Caminhos metodológicos

Escolho como metodologia de pesquisa uma abordagem etnográfica. A etnografia consiste num método de pesquisa qualitativa que tem como base e maior desafio a pesquisa de campo. Procura-se maior aproximação com o contexto investigado. A partir de um mergulho no universo cultural investigado, através de observações, registros e entrevistas com as pessoas envolvidas, o autor da pesquisa analisa o material coletado e escreve de forma coerente, sua interpretação dos significados. (Freitas, 2010, p. 2525, 2526).

Segundo Rocha e Eckert (2008), a pesquisa etnográfica constitui-se no exercício do olhar (ver) e do escutar (ouvir), impondo ao investigador deslocar-se de seu meio cultural e aproximar-se e interagir no meio observado, participando efetivamente das formas de sociabilidade que lhe são apresentadas na realidade investigada. Nesta pesquisa, desenvolvi um longo trabalho de campo e uma observação participante. Sobre esta metodologia na pesquisa de campo Malinowski 1978 (*apud* Sousa) nos ensina que este tipo de observação permite melhores condições para compreender o campo pesquisado.

A convivência direta do pesquisador com o grupo social investigado possibilita melhores condições para uma pesquisa detalhada, com aspectos significativos. (Malinowski, *apud* Sousa, p.15). Ainda sobre a pesquisa etnográfica, Geertz (1989) ressalta que o pesquisador etnográfico vai além de coletar dados, ele enfrenta situações complexas, “muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e inexplícitas, e que ele tem que apreender de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar”. (Geertz, 1989, p. 7). Com empenho abracei os desafios do campo de pesquisa.

Por várias vezes retornei à ADEVIPA, falei com funcionários, usuários, acompanhei aulas de artesanato oferecidas aos mesmos, conheci o método de leitura e escrita do Sistema Braille⁵. A cada visita, reencontrava algumas pessoas e era apresentada a outras. Estas visitas me proporcionaram maior aproximação e conhecimento do campo e dos sujeitos da minha investigação, o que me ajudou a definir a pesquisa. Conviver com as pessoas com deficiência visual, participar de parte de suas atividades cotidianas, foi de suma importância para aprender sobre a melhor forma de lidar com as mesmas. Como ressalta Freitas (2010, p. 2525), “mais do que descrever as imagens e suas estruturas visuais, a pesquisa de campo deve revelar suas estruturas sensíveis e significativas da visualidade que dá sentido à totalidade da cultura investigada”.

Devido aos estudos que fiz através das entrevistas individuais realizadas com as pessoas participantes, já estava preparada para um encontro cordial e com maior proximidade das pessoas. Já sabia como lidar com cada uma delas e como dirigir a conversa, o nível de

5

Em 1825, Louis Braille inventou um eficiente sistema de leitura e escrita para cegos, que leva seu nome e ainda hoje é usado no mundo inteiro. O Sistema Braille, inscrito em relevo, é explorado por meio do tato. Cada ‘cela’ é formada por um conjunto de seis pontos, permitindo 63 diferentes combinações para obter todos os sinais necessários à escrita: letras do alfabeto, sinais de pontuação, maiúsculas e minúsculas, símbolos de Matemática, Física, Química e notação musical. Os seis pontos são dispostos em duas colunas com três pontos em cada uma, formando um retângulo, ou ‘cela’ de seis milímetros de altura por dois de largura. Para facilitar sua identificação, os pontos são numerados. (Gil, 2000, p. 43,44).

linguagem a ser usada na mesma. Percebi que as pessoas mais tímidas ficavam mais à vontade sem a interferência dos outros, pois na conversa informal após a leitura as pessoas com maior desenvoltura tomavam a palavra, enquanto os outros ficavam apenas ouvindo.

Os encontros anteriores com estas pessoas me inseriram no cotidiano delas, o que foi fundamental para o clima de confiança na entrevista. As entrevistas foram gravadas e na transcrição das mesmas, pude ouvir várias vezes as gravações das respostas e perceber que isto foi um exercício fundamental, não só para a construção do texto, como para maior aproximação dos sujeitos de minha pesquisa.

O *Projeto Leituras Dramáticas* realizado há alguns anos pelo Grupo Perna de Palco foi inspirador para esta pesquisa. O grupo leva textos clássicos nacionais, como também textos do repertório do grupo, a públicos diversificados de todas as idades. O processo consiste em escolher um texto, selecionar os atores e estudá-lo fazendo repetidas leituras, trabalhando as inflexões, o sentido do texto. Todo o processo é feito sob a orientação do diretor. Cada personagem é revelado no uso de diferentes entonações, inflexões trabalhadas pelo ator. É necessário conhecer bem o texto e suas personagens. Enquanto o texto está sendo trabalhado, um profissional faz a pesquisa para a trilha sonora. Depois de pronta, ela é incluída nos ensaios.

Além da trilha musical, são pesquisados outros efeitos sonoros que poderão ser incluídos na leitura, como o som de uma cadeira arrastando, de copos, talheres, etc. Eu atuava no grupo e ao longo de minha trajetória com o mesmo percebia que tais leituras suscitavam em públicos de diferentes segmentos sociais, idades, níveis de escolaridade, um desejo de aproximação das manifestações artísticas, sobretudo, do teatro. Eram muitos os relatos positivos sobre a fruição⁶ em leituras dramáticas⁷.

A leitura dramática é um recurso usado no meio teatral. Segundo Luzia di Resende, diretora do Grupo Perna de Palco, é uma prática antiga que ficou esquecida durante muito tempo e que nos remete a rádio novelas, que fizeram tanto sucesso no país. Falando sobre *Teatro dos Sentidos*, Wenke (1997, p. 1) diz que “é teatro para NÃO ser visto, ou ser visto de outra maneira. A imagem do que ocorre é fruto da criação interna e pessoal de cada

⁶Segundo Japiassu (2007) a fruição acontece quando o sujeito interage, de forma prazerosa com diferentes manifestações espetaculares e está apoiada na percepção atualizada instantânea do que está sendo observado ou vivenciado.

⁸ Ao final de cada leitura o público era motivado a comentar sobre o que havia sentido e surgiam colocações como “o barulho dos talheres me fez lembrar-se do cheiro do bolo da minha vó”, “eu me vi na minha infância, brincando com meus primos na roça” “lembrei das novelas que minha vó me contava que ouviu no rádio”.

espectador. O que é provocado é o que chamamos de INTRAVISÃO, que segundo Wenke consiste no processo em que o espectador evoca sua memória pessoal e “cria suas próprias imagens a partir do inconsciente, gerando uma enorme gama de emoções profundas e intensas”.⁸ Este conceito pode também ser aplicado à leitura dramática, pois é um evento teatral, no qual um grupo de atores faz a leitura de um texto dramático para apreciação do público. Aqui o sentido mais aguçado é a audição. É a partir da escuta que cada um dos espectadores cria sua própria fantasia.

No artigo *Leitura dramática na formação do artista docente*, Chartier (*apud* Lobo s/d) diz que a separação entre a produção e consumo de uma obra nos leva a crer que “as ideias e formas possuem um sentido intrínseco”, independente da apropriação dos sujeitos. Assim, podemos dizer que aquele que consome a leitura dramática tende apropriar-se da mesma e ter a oportunidade de criar seu próprio espetáculo. Um texto não traz em si uma verdade absoluta. Cada leitor apropria-se do mesmo tornando-se sujeito ativo na leitura. (Chartier, *apud* Lobo, 2011, p. 44)

As práticas de Leitura dramática no escopo desta pesquisa foram realizadas pelo Grupo Perna de Palco, do qual sou integrante, que desenvolve trabalhos na cidade de Ipatinga desde janeiro de 1996. O texto usado foi “*Sapatos com Formigas – as coisas boas que nos lembram a vida*”, do repertório do grupo. Nos capítulos a seguir, falarei detalhadamente como ocorreram tais leituras.

As vivências com as leituras dramáticas no Grupo Perna de Palco têm me mostrado que além de nos ajudar no entendimento do texto, este processo nos dá um retorno do público que é muito interessante, pois nos traz novas ideias sobre o texto e nos dá um diagnóstico antecipado sobre a reação do público ao espetáculo⁹. Costumamos conversar com o público, interrogando sobre as imagens que conceberam sobre o ambiente onde se passa a cena, sobre cenários, figurinos e as personagens. Geralmente, convidamos este público para a estreia do espetáculo, para que eles conheçam a concepção do diretor para o mesmo. Todo este processo é muito rico, tanto para nós, quanto para o público.

Metodologicamente também busquei fundamentação teórica em vários artigos acadêmicos que pesquisaram assuntos relacionados à educação pela arte, em livros e cadernos de orientação pedagógica do ensino formal e livros de pesquisadores de arte e inclusão para

⁸ Ainda sobre intravisão, segundo Abel (2003), em textos em português, onde a palavra insight não é usada em sua forma original, costuma-se traduzi-la “como compreensão interna, compreensão súbita, apreensão súbita, visão súbita, discernimento, perspicácia, pelos neologismos intravisão ou insaiteetc”. (Abel, p. 22)

⁹ Segundo o Dicionário Aurélio – Século XXI, a palavra espetáculo, que vem do latim *spectaculu*, é tudo que chama a atenção, atrai e prende o olhar do indivíduo. Pode ser considerado também, como qualquer manifestação pública de música, dança, ou teatro.

peças com deficiência visual, disponíveis na web, em sua maioria em grupos assim distribuídos:

Sobre o histórico da deficiência visual, o preconceito, terminologia correta utilizada no texto, problemas enfrentados pelas pessoas com deficiência visual com relação à acessibilidade e trânsito: Almeida (s/d), Cella e Suzuki (2011), Gil (2000), Lobo (2011), Masini (1990), Monteiro (2012), Motta (2004).

A respeito de leitura dramática, formas e suas aplicações: Almeida e Gonçalves (s/d), Anastácio e Tureck (s/d), Gennaro (2010), Lobo (2011), Nazareth (s/d), Santos e Alves (s/d).

Com os estudos de Freire (1967), Gadotti (2007), Japiassu (2006), Lignelli e Pacheco (2013), Masini (1990), Motta (2004), PCN (1997), Santos e Alves (s/d), Tomaz e Fratari (s/d) Wenke (s/d), refleti sobre a importância da educação e educação pela arte na formação dos sujeitos e educação para pessoas com deficiência visual e suas potencialidades.

Com relação aos estudos da pesquisa etnográfica: Freitas J. (2010), Freitas S. (2008), Geertz (2008), Hartmann (s/d), Rocha e Eckert (2008), Silva et al (s/d),

Sobre noções de espaço e suas modificações: Lignelli e Pacheco (2013), Urssi (2006)

Reflexões sobre formação de público: Martins et al (2006).

A respeito de políticas públicas para instituições: Almeida (s/d).

Com Abel (2003), Britannica (s/d), Ferreira (1999), Guinsburg, Faria e Lima (2006), Wenke (s/d), busquei conceitos sobre peça teatral, invisibilidade, espetáculo e rádio novela: Abel (2003), Britannica (s/d), Ferreira (1999), Guinsburg, Faria e Lima (2006), Wenke (s/d).

Os estudos das obras dos autores relacionados foram fundamentais na elaboração deste trabalho. Neles encontrei suporte para o desenvolvimento da pesquisa e do processo de escrita de forma coerente com o aprendizado de toda trajetória do curso de Licenciatura em Teatro.

Felizmente a maioria de nós é capaz de ver com os ouvidos de ouvir e ver com o cérebro, com o estomago e com a alma. Creio que vemos em parte com os olhos, mas não exclusivamente. (Wim Wenders, 2002 Documentário – Janela da Alma)

1 CAPÍTULO I - ASSOCIAÇÃO DOS DEFICIENTES VISUAIS DE IPATINGA

1.1 Histórico, espaço e funcionamento, atividades disponíveis.

Este capítulo apresenta informações sobre o histórico, estruturas do espaço físico e normas de funcionamento da ADEVIPA. Estas informações irão conduzir o leitor ao campo de realização desta pesquisa, para isso ofereço um panorama geral de um espaço que está sempre sofrendo modificações de acordo com as necessidades de seus usuários. Por este motivo, alguns detalhes do funcionamento da casa, cotidiano das pessoas que lá convivem poderão ter escapado à minha escrita. Porém, tenho consciência da importância destas informações para a compreensão da situação do espaço. Procurei desempenhar esta tarefa com cuidado.

Espaços são invenções sociais e cada comunidade “inventa” sua própria forma de se organizar e esta organização nos revela muito do perfil dos indivíduos que nela convivem. Minha intenção não é só apresentar o espaço, mas oferecer ao leitor informações sobre as pessoas que o frequentam. Se este é o espaço onde foram realizadas as leituras dramáticas, é importante para o leitor tomar conhecimento sobre o transito de seus usuários. Abro as portas de uma associação que tem espaços abertos para atividades artísticas, entre elas: a leitura dramática que ora reflito.

A **Associação dos Deficientes Visuais de Ipatinga** (ADEVIPA) localiza-se na Rua Ataulfo Alves, número 70 no bairro Ideal, em Ipatinga, Minas Gerais. Foi fundada em 2005 por um grupo de pessoas com deficiência visual que se organizaram com o objetivo de construir uma associação que os representasse na luta pelos seus direitos e na busca do atendimento de suas necessidades e desejos. A iniciativa partiu de João, residente no bairro onde está localizada a ADEVIPA, e contou com a colaboração de vários vizinhos e amigos na mobilização da comunidade do bairro e juntos trabalharam na busca de recursos para a montagem do espaço.

A procura do espaço para o funcionamento da associação passou por vários bairros e a escolha da casa foi feita levando em consideração o tamanho da casa, a distribuição dos cômodos e principalmente o valor do aluguel. A maioria dos frequentadores da associação são pessoas simples, de baixo poder aquisitivo, residentes em bairros da periferia da cidade. Possuem escolaridade entre segundo ano do Ensino Fundamental e Ensino Médio, e há uma estudante do curso superior de Nutrição. A faixa etária está entre 35 e 80 anos. Há casados com filhos e solteiros que moram sozinhos ou com a família.

A sede da associação funciona em uma casa alugada. Na frente, há garagem com rampa de piso tátil¹⁰ ligada a uma pequena varanda. A sala de entrada possui uma mesa grande, quadrada, com oito cadeiras, um aparelho de televisão e um mostruário, como os usados em lojas, com vários trabalhos artesanais feitos pelos frequentadores da casa. Saindo desta sala, entramos em um espaço maior. Em um canto, há mesas com computadores e uma pequena mesa vazia com cadeira. Anexados a este espaço há uma sala de leitura e trabalho, onde há inúmeros livros organizados em uma estante, uma mesa grande onde há outros livros e a máquina para digitação de textos em Braille.

Nesta sala é que funcionam as aulas do referido método de escrita. Há também um pequeno banheiro. Do mesmo lado desta sala, há outra menor com mesa, cadeira e armário, onde é feito o atendimento psicológico. Ao lado desta sala está uma cozinha equipada com fogão, armário, geladeira, microondas, bebedouro, pia, dois bancos grandes de madeira e algumas cadeiras. Do lado contrário está uma pequena sala para as oficinas de trabalhos manuais. Há uma mesa com os materiais, uma máquina de costura, um armário e pequenas estantes nas paredes com trabalhos prontos. Ao lado desta, está uma sala onde funciona a secretaria, que possui mesa com cadeira, telefone, armários. Entre a secretaria e a cozinha está o banheiro social.

Há ainda um terraço, onde os coordenadores pretendem fazer uma ampliação criando novas salas. Os frequentadores se locomovem sem dificuldades no espaço. Além disso, quando necessário, contam com ajuda dos funcionários, que conhecem as dificuldades de cada um. Embora os usuários, com a frequência na ADEVIPA, reconheçam e transitem pelo espaço sem muita dificuldade, creio que se fossem colocados pisos táteis em pontos estratégicos do espaço, haveria maior segurança e liberdade de movimentação dos mesmos.

¹⁰No artigo *Os desafios dos cegos nos espaços sociais: um olhar sobre a acessibilidade*, Monteiro nos ensina que “os pisos táteis são faixas em alto relevo, fixadas ao chão para auxiliar na locomoção das pessoas cegas em espaços públicos, tanto internos quanto externos”. Pelo que já pude observar, essas faixas são geralmente feitas de material emborrachado, com “bolinhas” em alto relevo e em cor diferente do restante do piso. Este recurso para orientação dos cegos segue especificações técnicas da NBR 9050 (2004, p. 30)

A comunidade¹¹ contribui para a manutenção da casa, inclusive com o pagamento do aluguel. O município assume o pagamento dos funcionários, material didático, equipamentos e mobília. Há uma secretária, uma psicóloga, uma assistente social, duas funcionárias que se revezam em trabalhos manuais com as pessoas que frequentam a ADEVIPA e os afazeres da cozinha e manutenção do espaço.

Os relatos das pessoas que estão na coordenação da associação revelam suas dificuldades enfrentadas na sua constituição e manutenção. Este não é um problema exclusivo da ADEVIPA, mas de várias associações no país. Segundo Almeida (s/d) o Estado passa para o terceiro setor serviços que são de suas responsabilidades, deslocando ações voltadas para o social e privatizando o que deveria ser público. (Almeida, p. 5) Isto faz com que associações, como a ADEVIPA necessitem de ações próprias, como vendas de produtos e as doações para custeio de suas atividades e manutenção do espaço.

O acesso ao local onde está situada a ADEVIPA não é fácil, inclusive para os videntes. Há poucas opções de transporte para chegar até lá. Além disso, o bairro fica em um morro. O trajeto do ponto de ônibus até a casa pode ser feito em aproximadamente dez minutos a pé. Porém, a rua é íngreme. O trecho até a casa é curto, mas difícil e perigoso, sobretudo para a descida. Esta é uma problemática enfrentada não só pelas pessoas com deficiência visual que frequentam a ADEVIPA.

Segundo Monteiro (2012, p.7), a Lei nº 10.098/2000 trata da questão da acessibilidade para os deficientes sensoriais ou com mobilidade reduzida. Apesar disso, ainda há dificuldades para que estas pessoas tenham seus direitos assegurados e respeitados. Em uma pesquisa sobre acessibilidade e mobilidade realizada na cidade de Piracicaba, no estado de São Paulo, Cella e Susuzi (2011) argumentam que as pessoas com deficiência visual necessitam de transporte coletivo para se deslocarem para locais mais distantes, e para tal precisam utilizar as calçadas. Porém, a situação é crítica, pois apesar de existirem projetos e programas de acessibilidade e mobilidades para pessoas com deficiência visual e idosas, idealizados pelo Ministério das Cidades, os mesmos não são aplicados efetivamente. (Cella e Susuzi, 2011, p. 83)

A associação possui 100 pessoas inscritas, porém, apenas 10 pessoas aproximadamente, frequentam o local periodicamente. A maioria das pessoas que se inscrevem vão à associação algumas vezes e não voltam mais. Segundo João, presidente da

¹¹ Entendendo aqui, comunidade como um grupo de indivíduos moradores de um mesmo bairro e envolvidos em uma causa comum, que neste caso é valorizar o trabalho feito pela ADEVIPA e contribuir para sua manutenção.

associação, esta baixa frequência se deve, na maioria das vezes, a falta de interesse. Em minhas conversas informais com as pessoas com deficiência visual frequentadoras da ADEVIPA, procurei como pesquisadora, entender os motivos desta evasão e percebi que não é simples falta de interesse das pessoas.

Uma das causas principais é o preconceito das próprias famílias, que não acreditam na capacidade de crescimento e conseqüente liberdade e autonomia das pessoas com deficiência visual. Embora não tenha conversado com todos os usuários da ADEVIPA, percebi que outra causa da baixa frequência é a dificuldade de acesso. Como descrevi acima, o transporte coletivo para o bairro é insuficiente.

O município fornece transporte para as pessoas com deficiência apenas no trajeto de suas casas até a escola formal. A associação já adquiriu um veículo Kombi, mas além de faltar verba para a manutenção deste, ele não será suficiente para a demanda na cidade. A questão do preconceito e da falta de informação gera uma visão estereotipada da sociedade sobre a capacidade de desenvolvimento das pessoas com deficiências, o que faz com que muitas destas pessoas passem suas vidas dentro de suas próprias casas, alheias ao mundo que as cercas e sem horizontes.

Pelo que pude observar nos relatos das pessoas com as quais conversei na ADEVIPA no período da pesquisa, há uma tendência social que vê o deficiente como incapaz. Segundo o Dicionário Aurélio – Século XXI, *incapaz* quer dizer impossibilitado, inábil, ignorante. Juridicamente, “diz-se daquele a quem a lei priva de certos direitos ou exclui de certas funções”. Segundo Gil (2000, p. 10), durante muitos anos, as pessoas cegas eram consideradas incapazes de “executar toda gama de atividades que faz parte do cotidiano”.¹² Durante o período de investigação na ADEVIPA, conheci pessoas que moram sozinhas, cuidam de suas casas, suas roupas, de sua comida, vão ao supermercado e tudo que for necessário para sua vida diária. Porém, a maioria destas pessoas sente-se discriminada e injustiçada. Querem ser vistos e tratados dignamente.

Segundo Rute, frequentadora da ADEVIPA, “a deficiência visual é apenas uma dificuldade que faz com que eles procurem formas diferenciadas de realizarem as coisas, que isto não os impede de crescerem e alcançarem seus objetivos”. Segundo Lorimer, 2000 (*apud*

¹²Ao observar a história de nosso país, podemos observar que há inúmeros discursos que estigmatizam e excluem as pessoas com deficiência visual. Um exemplo disso nos aponta Lobo (2011, p. 411), mostrando que o relatório oficial do censo de 1890 apresenta os cegos como inválidos para o trabalho e nem mesmo a criação do Instituto Benjamin Constant em 1890, modificou “os critérios de inabilitação para o trabalho”.

Motta, 2004, p. 57), as pessoas cegas sempre foram consideradas incapazes e dependentes, foram maltratadas e negligenciadas e em algumas civilizações chegaram a ser eliminadas.

Somente há 200 anos é que começou a perceber a possibilidade de se educar as pessoas cegas e com baixa visão e que estas poderiam viver de forma independente. Para Motta (2004, p. 57) “a impossibilidade de fazer uso de um ou outro instrumento pode causar um impedimento, mas pode também causar um movimento na busca por outras possibilidades”. A fala de Rute, citada acima, reafirma esta colocação. João coloca também que não se deve perguntar a um cego o que ele é capaz de fazer, mas atribuir a ele a tarefa ou trabalho e verificar se a forma que ele encontra para executá-lo produz o resultado esperado.

Embora sejam escassas as produções científicas sobre o recorte desta pesquisa, que tem como proposta analisar as narrativas de pessoas com deficiência visual relacionadas ao processo de recepção e participação das mesmas em leituras dramáticas há inúmeros autores que tratam, em suas obras, de temas relacionados a questões de pessoas com deficiências visuais abordando suas dificuldades para viver em sociedade.

Além de Gil (2000) e Motta (2004), Masini (1990) aponta que a literatura desenvolvida e especializada em desenvolvimento e aprendizagem de pessoas com deficiência visual, trata destas questões a partir de padrões adotados para pessoas videntes, não levando em conta a diferença de percepção entre um e outro. Masini (1990) ressalta ainda que histórica e etimologicamente a civilização ocidental sempre colocou o “ver” como condição de “conhecer”. Desta forma, as pessoas privadas da visão, ainda sofrem com estereótipos e preconceitos gerados pela desatenção às suas formas diferenciadas de estar no mundo.

Continuando a descrição da associação, relato agora algumas de suas atividades. Há atividades de ensino/aprendizagem de escrita e leitura do Sistema Braille. As aulas de escrita¹³ e leitura usando o Sistema Braille são oferecidas a todos os usuários interessados. Segundo João, o professor do método, não é um aprendizado fácil, requer muita perseverança e paciência e por este motivo muitos começam e desistem no meio do caminho. Segundo Gil (2000) “O aprendizado da leitura e da escrita em Braille requer um elevado desenvolvimento das habilidades motoras finas, além de flexibilidade nos punhos e agilidade nos dedos”.

Geralmente, mesmo depois que a pessoa aprende a ler, precisa de muito treinamento para ter boa velocidade na leitura. Por isso mesmo as pessoas cansam rapidamente. Gil (2000) aponta que esta velocidade depende da idade em que a pessoa aprendeu a ler e de seu

¹³Há dois tipos de equipamentos usados na escrita do Sistema Braille: o conjunto manual de reglete e punção e a máquina de datilografia (Perkins-Braille). Esta última começou a ser produzida no Brasil em 1999. (Gil, 2000, p. 43)

desenvolvimento do tato. Além disso, há necessidade de interrupção da leitura após um tempo, pois os dedos vão perdendo a sensibilidade. Durante o período da pesquisa, em todas as vezes que fui a ADEVIPA, encontrei João, presidente da associação e um de meus entrevistados, lendo ou digitando algum texto. Sua sala possui vários livros sobre a mesa e em uma estante. É um “devorador” de livros. Sua fluência na leitura é impressionante.

Além da escrita em Braile, há oficinas em que os usuários aprendem a fazer pinturas em tecidos usando panos de prato e em souvenir de madeira, como caixinhas e cofres em forma de casinhas, que são comprados prontos e de depois trabalhados.

Os tecidos para os panos de prato são comprados em rolo e depois de pintados, são feitos os acabamentos de costura. Para a pintura em tecido são usados moldes vazados que são comprados prontos ou feitos pela professora de trabalhos manuais. Quando são utilizadas várias cores, a professora usa papel para cobrir as partes, deixando descoberta apenas aquela que está sendo pintada naquele momento. Isto é feito para que o trabalho não fique borrado. Segundo Sara, há um aluno que não necessita mais usar este recurso, conseguindo pintar cada parte sem borrar as outras, seguindo as orientações da professora. Como usam o dedo para pintar, é possível delimitar o espaço do tecido e do molde. A pintura na madeira é feita com pincel.

A professora segura na mão dos alunos, indicando o espaço a ser pintado e o movimento a ser usado. Ao final, a professora faz os acabamentos necessários, principalmente nas bordas. Além da pintura, são feitos também trabalhos de colagens com papel de jornais, revistas e guardanapos, na madeira. Além dos trabalhos com madeira e tecido, alguns alunos conseguem fazer flores de pano e fuxicos. Segundo Sara, “o que eles mais gostam de fazer é a pintura em tecido”.

Todo o material produzido é vendido em bazares ou na própria associação. Muitas pessoas que visitam a associação costumam comprá-los. Há também um aluno que leva estes produtos para vendê-los na sua vizinhança e demais lugares que frequenta. O dinheiro arrecadado é usado para comprar novos materiais de trabalho e outras necessidades da associação. Rabêllo (*apud* Santos e Alves, s/d) aponta que as pessoas com deficiência visual possuem ampla gama de possibilidades de perceber o mundo utilizando suas modalidades sensoriais. A descrição do trabalho com a pintura mostra como as pessoas com deficiência visual são capazes, contrariando estereótipos criados ao longo da história.

Santos e Alves (s/d) ressaltam que nas atividades teatrais tem-se a possibilidade de dar maior atenção às percepções do corpo, como o tato, audição e olfato. A leitura dramática, como atividade teatral, pode constituir-se em mais uma destas possibilidades para

as pessoas com deficiência visual. Falando sobre Teatro Aplicado e a Educação Informal, Lignelli e Pacheco (2013) apontam que as vivências no âmbito teatral e social podem estimular o indivíduo a criar um espaço de mobilidade que o permita emancipar-se, deixando de ser objeto das relações sociais e tornando-se sujeito das mesmas.

Sobre as potencialidades da arte, Tomaz e Fratari (s/d) afirmam que “arte educação é de grande importância para alunos com deficiência visual, pois possibilita o desenvolvimento de suas potencialidades e favorece o processo de descobrimento e interação com o mundo ao seu redor”. (Tomaz e Fratari, s/d).

Na associação há voluntários, que periodicamente se oferecem para ministrar cursos. Atualmente um professor voluntário está oferecendo aulas de violão, mas segundo uma das funcionárias, “o rapaz vem de um bairro distante para dar aula e quando chega lá, tem só um aluno”. Segundo Lucas (s/d), há possibilidades que o voluntariado seja uma forma de contribuir para uma transformação social, através da promoção da cidadania, de uma sociedade participativa e prática de valores humanos.

Segundo João, há pouco tempo, o governo estadual liberou o passe livre para as pessoas com deficiência visual. Nesta ocasião, houve uma grande procura de informações na associação, sobre a forma de ser beneficiado com este passe. Porém, apesar de alguns manifestarem interesse pelos trabalhos da associação, nenhum deles retornou ao local. Algumas dessas pessoas não receberam treinamento necessário para se deslocarem sozinhas de suas casas até a associação e não há pessoas videntes disponíveis para acompanhá-las. Apesar de alguns voluntários da associação fazerem este trabalho, não há como atender toda demanda.

Durante minha visita na ADEVIPA, pude perceber que a mesma está amparada por profissionais competentes. A assistente social é responsável pela busca e garantia dos direitos dos usuários. Além disso, assume também a organização de eventos e captação de recursos. Trabalhando em parceria com a assistente social, há também uma psicóloga que atua promovendo dinâmicas de grupo, palestras, organizando passeios, além do atendimento aos frequentadores e eventualmente à comunidade do bairro. Segundo ela, a maioria das pessoas com deficiências visuais que ela atende, buscam a independência.

Ao descrever a associação mostrei como seus frequentadores e organizadores encaram cotidianamente situações delicadas, entre elas: as dificuldades de trânsito na própria cidade, a carestia do aluguel, a falta de recurso para adquirir materiais apropriados para desenvolver atividades com o público, as barreiras atitudinais expressas no preconceito, o pequeno número

de profissionais. Isso denota que o apoio recebido dos órgãos públicos é insuficiente. É preciso um investimento abundante de recursos e ações para dirimir tais problemas.

A pesquisa que empreendi apontou que tanto a associação citada como outras no Brasil carecem de políticas públicas que se responsabilizem pelas despesas básicas de manutenção, além da remuneração dos funcionários, pela divulgação dos serviços prestados pela associação. A pesquisa mostrou a necessidade de um trabalho de motivação mais efetivo e eficaz por parte de tais políticas com os alunos com deficiência visual que frequentam as escolas municipais e com as suas famílias, a fim de que os mesmos possam conhecer e se beneficiar dos serviços disponíveis na associação. Isso é de suma importância para estas pessoas no caminho de acesso aos direitos que lhes são cotidianamente negados.

A associação estudada abre espaço para linguagens artísticas como a pintura, a música, através das aulas de violão e a leitura dramática. Esta abertura revela o interesse e o compromisso da mesma em promover o conhecimento, a integração, o desenvolvimento do potencial criativo, para seus frequentadores através de vivências com a arte. Desta forma, a associação cumpre papel fundamental, contribuindo na busca de cidadania e autonomia tão almejada pelas pessoas com deficiência visual. Nesse sentido, ela carece de um maior cuidado e zelo por parte das políticas públicas.

...não vejo as imagens e contudo sou capaz de fazê-las. (Eugen Bavcar, fotógrafo cego 2002 – Documentário Janela da Alma)

2 CAPÍTULO II – A LEITURA DRAMÁTICA NA ADEVIPA

Neste capítulo o leitor tomará conhecimento de como se deu a leitura dramática na ADEVIPA, dando enfoque às vivências que a mesma proporcionou às pessoas com deficiência visual, ressoando em suas construções imaginárias, inserções no contexto artístico e em suas próprias histórias de vida.

2.1 O público

A plateia presente na leitura dramática era composta por usuários e funcionários da ADEVIPA. A chegada dos mesmos se deu aos poucos. As pessoas que compareceram, além dos funcionários da casa, foram as que já tinham o hábito de ir à associação às sextas-feiras, dia em que foi realizada a leitura. A assistente social, com a qual tratei a programação do evento, fez a divulgação com outros usuários, porém, não houve comparecimento dos mesmos.

Havia 07 pessoas presentes, sendo quatro mulheres e três homens. A faixa etária das mesmas era de 32 a 73 anos. Quatro pessoas com nível de escolaridade superior, que são as funcionárias da casa, uma pessoa com Ensino Médio e duas com Ensino Fundamental. Como houve uma divulgação prévia, as pessoas que compareceram sabiam o que ia acontecer, mas não sabiam como. Foram recebidas pela assistente social que os orientava a permanecerem em outro ambiente, enquanto organizávamos a sala para a leitura.

O ambiente preferido por todas é a cozinha. É lá que gostam de sentar, tomar um cafezinho e bater um papo. Quando a sala estava pronta para a leitura ajudei a assistente social a conduzir as pessoas e acomodá-las em seus lugares. As pessoas estavam um pouco ansiosas e curiosas, pois nenhuma delas tinha vivenciado uma leitura dramática. A conversa inicial foi muito importante neste sentido.

Segundo Martins et al (2013) cada público tem perfil e demandas diferentes, portanto, formas distintas de perceber uma experiência. Neste sentido, quanto mais se conhece deste público, melhor será o diálogo e a construção da “ação educativa”. (Martins et al, 2013, p. 24). Minhas vivências anteriores com todas as pessoas presentes foram de extrema

importância para o diálogo estabelecido entre todos. Após a explicação de como era feita a leitura dramática e de tê-la relacionado à rádio novela¹⁴, as pessoas se sentiram mais contextualizadas e relaxaram para o início do processo.

2.2 A leitura

O texto usado na leitura dramática foi “*Sapatos com Formigas – as coisas boas que nos lembram da vida*”, do repertório do Grupo Perna de Palco e que se encontra em anexo. Este é o texto do espetáculo com o mesmo nome que teve sua estreia em fevereiro de 2009, sob a direção de Tiche Vianna e preparação de ator de Adelvane Néia. A trilha sonora é de autoria de Pedro Bastos, a criação de cenário e figurino de Jamil Boali e a iluminação de Leandro Calixto.

Este texto faz parte do segundo espetáculo do projeto “*Trilogia da Dor*”, repertório de três espetáculos do grupo que discutem a relação de indivíduos com a dor gerada pelo abandono, solidão, pela perda de identidade e pela morte. O primeiro trabalho da trilogia trata do diálogo de uma atriz em crise com sua camareira. Perdida entre suas personagens ela deseja ser apenas uma mulher comum. O segundo espetáculo é o apresentado neste trabalho, cujo tema é apresentado a seguir. O terceiro discute a dor do abandono em um (possível?) reencontro de uma filha com sua mãe, que a deixou quando era uma criança de cinco anos.

Vários motivos levaram-me a escolher este texto. O principal deles foi por se tratar de uma linguagem intimista e sensível. As figuras arquetípicas usadas no espetáculo foram compostas usando-se uma experimentação do Clown. Isto provocou aproximação e identificação com o público.

Para Nazareth (s/d), a leitura dramática é uma encenação em que o público é privado apenas da ação física completa, podendo perceber os gestos e expressões faciais dos atores. Na forma como realizamos a leitura dramática no Grupo Perna de Palco, isto não acontece. Nem com pessoas videntes, pois usamos as vendas nos olhos das mesmas, nem no caso da leitura feita para as pessoas com deficiência visual.

Como ressalta Nazareth (s/d), o trabalho vocal realizado na leitura precisa apresentar nuances de entonações e intenções que apresentem o texto de forma bem definida, para que os ouvintes possam compreendê-lo. Para uma investigação satisfatória precisava me aproximar

¹⁴ Segundo Rabaça e Barbosa (1978: 393) (*apud* Guinsburg, Faria e Lima, 2006, p. 259, 260) é a “representação teatral transmitida pela rádio”. Este gênero foi lançado pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro em 1941 e permaneceu na programação radiofônica até a metade da década de 1950, quando surgiu a televisão.

dos sujeitos de minha pesquisa e fazer com que se sentissem motivados e confiantes em nossas conversas e entrevistas. A escolha do texto desempenhou papel importante nesta tarefa.

O texto fala de duas mulheres em uma situação limite. Uma delas está gravemente doente, à beira da morte, mas quer viver com alegria o tempo que lhe resta. A outra, que tem toda uma vida pela frente, não aproveita seus momentos e vive com medo da morte. As duas figuras, Pétala (a ousada) e Genuína (a medrosa), enfrentam neste texto, aquele que é considerado por muitos seres humanos o maior desafio de nossas vidas: encarar a morte. As duas são muito amigas, vivem juntas, mas em constante conflito. Uma quer viver plenamente a vida, enquanto a outra se retrai tomada pelo medo.

Para realização da leitura, além do texto impresso, usamos um notebook e uma caixa amplificadora para execução da trilha sonora. Outros efeitos sonoros foram produzidos por movimentos e quedas de sapatos, caixas de papelão e uma concha de cozinha. Segundo Pavis (*apud* Lignelli e Pacheco, 2013, p. 49), “o teatro se instala onde bem lhe parece, buscando um contato mais estreito com o grupo social e tentando escapar dos circuitos tradicionais da atividade teatral”.

Ainda sobre o espaço teatral, Urssi (2006, p.65) nos aponta que no século XX houve grande transformação no espaço cênico. O palco emancipou-se desconstruindo “a relação entre cena e o olhar individual” e constituiu-se como todo espaço disponível que seja possível transformar para compor um espetáculo. O espaço utilizado para a leitura foi uma sala de reunião e atividades com o Sistema Braille, que foi adaptada para atender as necessidades espaciais do evento, de modo que o público estivesse bem acomodado, que as atrizes tivessem espaço necessário para sua movimentação e que houvesse o mínimo possível de interferências externas. Tomamos o cuidado de respeitar as estruturas básicas da sala e retornando-a ao seu formato original após o encerramento das atividades.

A leitura foi feita por mim e a atriz Luzia di Resende, atriz e diretora do Grupo Perna de Palco. Apesar de termos muitas experiências com a leitura dramática, esta foi a primeira oportunidade em que estaríamos trabalhando com um público específico, a fim de atender as necessidades de minha investigação. Portanto, a experiência serviu também para enriquecer o processo de aprendizado e crescimento das atrizes.¹⁵

¹⁵Embora as atrizes tenham vasta experiência com públicos e espaços distintos nas leituras dramáticas, esta foi a primeira realizada em uma associação para pessoas com deficiência visual. O contato com o espaço e principalmente a troca com as pessoas contribuíram para que as mesmas se apropriassem de novas possibilidades com a leitura dramática no exercício de mediação da cultura através da leitura dramática.

Chegamos à ADEVIPA por volta das 14h20min. Depois de descarregar o material, fomos organizar o espaço, com ajuda das funcionárias. Utilizamos uma mesa grande, onde colocamos o texto, o computador, as caixas de papelão e a concha. A caixa amplificadora foi colocada sobre uma cadeira, de forma que facilitasse seu manuseio. A execução da trilha ficou na responsabilidade de Luzia e eu fiquei responsável pelos efeitos sonoros. As cadeiras para o público foram colocadas em forma de meia lua. Como o número de ouvintes foi pequeno, (sete pessoas), todos ficaram bem colocados, sem ninguém à frente, facilitando a audição.

Destas sete pessoas, quatro eram videntes, uma com baixa visão e as outras duas com perda total da visão. Os videntes e a pessoa com baixa visão usaram vendas nos olhos. Depois que todos estavam acomodados, conversei com as pessoas explicando como era feito o processo. Segundo Lignelli e Pacheco (2013, p. 53), “[...] o espaço acústico condiz a toda esfera de percepção auditiva do ouvido humano”. Pensando em colaborar para que a percepção auditiva focasse na leitura dramática, solicitei que desligassem os celulares e falei da importância do silêncio e da concentração na escuta. Para minimizar as interferências sonoras externas, a porta da sala foi fechada e a secretária foi orientada para que não fosse aberta enquanto não terminasse a leitura.

Iniciamos a leitura às 15h20min, que teve duração de quarenta minutos. O processo correu com tranquilidade, sem nenhum contratempo. Ao final, ficamos um tempo em silêncio, depois solicitamos que retirassem suas vendas e iniciamos uma conversa informal sobre o processo.

A leitura dramática foi realizada no formato utilizado habitualmente pelo Grupo Perna de Palco, com as atrizes sentadas à uma mesa, o texto em mãos, público à frente, conversas iniciais sobre o processo da leitura e apresentação da obra a ser lida, conversas finais sobre impressões e sensações dos participantes.

2.3 As reações do Público

Durante a leitura dramática, foi possível observar que todos os participantes estavam muito quietos, atentos ao que ouviam. Finalizada a leitura, Luzia e eu abrimos espaço para que as pessoas presentes manifestassem suas opiniões a respeito do tema abordado na leitura. Inicialmente, relatarei as reações do público em geral e na sequência aprofundarei, apresentando as apreciações de três pessoas com deficiência visual, buscando compreender os sentidos e significados gerados com esta experiência e de como ela tocou a vida das mesmas.

As reações, expressões e comentários das pessoas presentes indicaram que a recepção da leitura foi muito boa. Nenhum dos presentes havia participado deste tipo de evento artístico. Inicialmente ficaram tímidos em fazer algum comentário, mas assim que o primeiro falou, os outros começaram a expressar suas opiniões com empolgação. Todos gostaram muito e demonstraram que haviam achado o processo curioso e interessante. As pessoas que estavam com os olhos vendados disseram que isto ajudou muito a concentrarem-se na história.

As pessoas com deficiência visual relataram que não tiveram dificuldades em concentrar na história, pois ouviam só o que as duas atrizes estavam falando. Alguns videntes fizeram descrições detalhadas do que tinham “visto”. Segundo Ester, 37 anos, “o vestido do aniversário eu imaginei amarelo e uma flor grande e vermelha no cabelo. As duas estavam em um sótão. O telhado era baixo”. Carmela, 46 anos, disse que “era um lugar escuro, com pouca luz”. Estas colocações reafirmaram para mim, mais uma vez a comprovação da eficácia do uso da venda nos olhos na recepção da leitura dramática com as pessoas videntes, conforme minhas experiências anteriores com o Grupo Perna de Palco. Elas revelam como o contato destas pessoas com o teatro e com a leitura dramática proporcionaram um momento lúdico e de profunda reflexão sobre suas próprias vidas.

Expressões usadas em seus comentários como “eu vi”, “elas estavam”, demonstraram que pessoas que um dia enxergaram e depois ficaram com deficiência visual, relacionaram a história ouvida às suas memórias imagéticas e emocionais. Elas se reportam ao passado e trazem à tona com riqueza de detalhes, experiências de seu passado, descrevendo os fatos como e onde eles ocorreram.

A forma como descreveram suas vivências deixa claro a importância que as mesmas tiveram e têm em suas vidas. Nádia, disse não ter imaginado nada, pois não havia se concentrado na história. Segundo ela, “fiquei prestando atenção em tudo que vocês estavam fazendo. Nas movimentações, no som, nas mudanças na entonação da voz”. Esta pessoa é responsável pelo atendimento psicológico na ADEVIPA. Analisando suas palavras, percebo que ela estava interessada no processo da leitura e não na história que estava sendo contada. Sua participação teve cunho mais profissional. Em conversas posteriores ela me disse que achou a proposta muito interessante e produtiva para o desenvolvimento das pessoas com deficiência visual.

Como anunciei, entre o público presente elegi três pessoas com deficiência visual para compreender em profundidade como se deram suas vivências no processo de leitura dramática. Conversei com Tiago, 49 anos, João, 57 anos e Isaías, 73 anos. Teci entrevistas

com elas para compreender suas recepções. As entrevistas individuais foram fundamentais na construção deste trabalho. Pensando nisso, procurei estar próxima das vivências de meus entrevistados.

Minhas visitas à ADEVIPA me permitiram esta aproximação necessária para que as entrevistas tivessem um clima de confiança e camaradagem. A abordagem etnográfica foi uma escolha acertada para o trabalho, pois “uma investigação etnográfica permite um entrosamento entre o pesquisador e o grupo pesquisado através de uma relação de confiança, construtiva de aproximação gradativa” (Silva et al, s/d, p. 11)

Usei algumas perguntas que serviram como base para a realização da entrevista tais como: você já ouviu falar em leitura dramática, já participou de alguma, onde foi? Pode relatar a primeira vez com este tipo de leitura, o que sentiu? E com a leitura de hoje, como se sentiu, foi prazeroso, cansativo, especial? O que ocorreu com você, com seu corpo, suas ideias, sensações ao fazer parte deste momento? Você percebe diferenças entre a leitura dramática para outro tipo de leitura que você já acostumado a ouvir? Pode falar mais sobre isso? O que ficou desta história para você? Pode destacar alguma parte? Alguma personagem chamou mais sua atenção? Por quê? – você associou a história a algum acontecimento de sua vida?

A entrevista individual foi realizada em duas etapas. As duas primeiras pessoas foram entrevistadas no mesmo dia da leitura e a outra, na terça-feira seguinte (16/09/2014). Isto, porque não houve tempo suficiente para entrevistar a terceira pessoa. Ao final da leitura, foi servido um lanche. O tempo se estendeu com as conversas e quando iniciei as entrevistas já estava próximo o horário de encerramento das atividades na ADEVIPA. A entrevista foi realizada na mesma sala onde foi feita a leitura, com a porta fechada, para evitar interferências sonoras e para que o entrevistado se sentisse mais a vontade. Conversei com cada um, expondo a razão e a necessidade da entrevista na construção do meu trabalho. Comuniquei que a entrevista seria gravada, que isto contribuiria para a fidelidade às respostas na transcrição da mesma e para que a entrevista fluísse melhor.

2.4 De como as vivências com a leitura dramática perpassaram as vidas de três pessoas com deficiência visual

Aqui, apresento ao leitor, com riqueza de detalhes, as três pessoas com as quais realizei entrevistas em profundidade. Nesta oportunidade, procurei observar, analisar e refletir sobre as reações e sensações provocadas nestas pessoas frente à experiência de escuta de uma

obra teatral, buscando o conhecimento sobre a forma como a mesma ressoou em suas construções imaginárias, inserções no contexto artístico e em suas próprias histórias de vida.

Compartilho com o leitor meu aprendizado sobre o cotidiano destas pessoas e de suas experiências na ADEVIPA. Espero que assim, possa qualificar socialmente estes sujeitos e torná-los mais próximos do leitor, para que o mesmo possa também captar a forma como as leituras dramáticas ressoaram em suas vidas

Tiago tem 49 anos, solteiro, nasceu em Ipatinga. Mora no Bairro Esperança, próximo ao bairro onde está localizada a ADEVIPA, a qual frequenta há dois anos. Já trabalhou como ajudante de pedreiro e eletricitista. Atualmente, faz alguns “bicos” como eletricitista, para complementar o salário de aposentadoria. Estudou até a quarta série do Ensino Fundamental. Nasceu com problemas visuais que foram se agravando no decorrer de sua vida. Consegue ler letras em tamanho grande, ver televisão. Ele disse que quer aprender a ler e escrever pelo Sistema Braille, mas do jeito que foi feita a leitura dramática. “Quero vendar os meus olhos. Com os óculos dá pra ler um pouquinho, com as letras bem grandes. Se for pra aprender o Braille, quero aprender assim, do jeito que as pessoas sem visão nenhuma lêem”. É independente e consegue se locomover sozinho pela cidade.

Costuma ir todos os dias à ADEVIPA. Segundo ele, “quando eu cheguei aqui, falei que não sabia mexer com artesanato não. Aqui ninguém é obrigado a fazer nada. Aí quando eu chego, vejo alguma coisa que tem pra fazer e faço. To fazendo pintura no pano de prato com molde vazado”. Tiago, de 49 anos, foi a última pessoa entrevistada. Tem baixa visão, e teve os olhos vendados durante a leitura. Em uma das minhas primeiras visitas a ADEVIPA, comentou que não era muito chegado à leitura. Disse que gosta de ver TV, conversar e fazer alguns trabalhos manuais de vez em quando. Tiago nunca foi ao teatro e não conhecia a leitura dramática.

Tiago nem imaginava como era a leitura dramática, mas entendeu tudo. Segundo ele “porque ali a gente não ta vendo, e o simples fato de não ver, já aguça mais a imaginação. A gente viaja mais”. Não achou a leitura cansativa, mas disse que às vezes dava sono, porque começava a imaginar as coisas, aí dava um “soninho”. Disse que imaginou a expressão das personagens, principalmente a de medo. A que chamou mais sua atenção, foi a Pétala “porque ela era a mais doidinha e tinha um jeitinho doce”. A leitura não o remeteu a nenhum fato de sua vida.

Entendeu a história e construiu na sua imaginação, uma relação entre as personagens. Disse que as duas eram amigas, mas às vezes pensava que fossem irmãs. Segundo ele “elas moravam em uma casa. Não deu para identificar onde era, mas não tinha muita coisa perto

não”. Disse que gostaria de ouvir outras histórias contadas pela leitura dramática, que foi seu primeiro contato com o teatro e que tinha achado muito bom. Antes da realização da leitura dramática, vale ressaltar a seguinte fala do entrevistado: “não sou muito chegado nesse negócio de teatro, isso não é para mim não”.

Após a leitura, na entrevista individual, reconsiderou dizendo: “eu falei no início que não gostava de teatro, mas deste aqui eu gostei e quero participar de novo”. Pelo que pude observar, Tiago achava que o teatro era de difícil compreensão. Ele gostou da simplicidade da história, das características das personagens, dos momentos engraçados, da descontração nas conversas finais. As características da leitura tornaram sua primeira experiência com o teatro prazerosa e motivadora e seu comentário revela que foi um bom começo para sua inserção no meio artístico. O fato de ele ter gostado e expressar o desejo de experimentar outras vezes, mostra que sua apropriação despertou nele o interesse por uma modalidade artística que ele não conhecia.

O segundo entrevistado foi Isaías, que tem 73 anos, solteiro, mora sozinho em um barracão nos fundos de uma casa no Bairro Esperança. Seus irmãos moram no mesmo bairro. Recebe benefício do INSS. Nasceu com problemas de visão e a perdeu totalmente aos 21 anos. Isaías diz que o problema foi aumentando com o tempo. “Me prejudicou bastante na escola. Mas eu fiz segundo ano. Aprendi escrever, fazer conta, aprendi muita coisa”. Trabalhou na roça e quando veio para a cidade, trabalhou revendendo produtos que comprava em revistas especializadas. Atualmente, vende panos de pratos confeccionados na ADEVIPA, chás e raízes.

Cuida sozinho de sua casa, limpa suas janelas, lava suas roupas. Os vizinhos ajudam no que for necessário, para comprar uma roupa, por exemplo. Segundo Sara, professora de trabalhos manuais, ele gosta de usar roupa social, de andar bem arrumado e gosta muito de fazer as pinturas em tecido e se sai muito bem neste trabalho. Ele frequenta assiduamente a ADEVIPA desde sua inauguração. Inicialmente, ficou um pouco intimidado. Procurei então, utilizar linguagem coloquial, mais próxima da sua e ele ficou mais a vontade e a entrevista fluiu naturalmente.

O senhor Isaías já havia assistido uma peça teatral há algum tempo, mas não tinha muitas lembranças dela. Não conhecia leitura dramática. Quando perguntei se percebia alguma diferença entre a peça e a leitura, ele disse que sim, porque no teatro não havia pessoas com deficiência visual. Quando eu disse que ele estava lá, ele disse: “mas eu só estava escutando”. Ele disse também, que na leitura ele estava mais próximo dos atores e que

assim era mais fácil de observar. Isaías teve dificuldades para entender a história relatada na leitura.

Citou trechos do texto aleatoriamente, mas não conseguiu ligar uma cena a outra. Porém, disse ter achado a história muito bonita e que gostaria de ouvir outras. A cena que mais chamou sua atenção, que se passava em uma montanha, estava relacionada à suas vivências no interior. Segundo ele, “achei bonito quando elas foram para a montanha. Acho que é porque sou muito apaixonado com monte, com alto, roça. Onde eu morava tinha muita pedreira alta. Eu via as roças todas lá de cima”. O sonho de Isaías é ganhar um dinheiro e voltar a viver na roça. Para ele, a roça é bem melhor para se viver. “Tem sempre um ribeirão para a gente dar uma pescadinha e tomar banho naquela água limpa”.

O senhor Isaías acha que a leitura dramática e a ida ao teatro são muito importantes, porque são momentos de distração, de alegria. Ele disse que a leitura dramática é muito boa para os adolescentes que não enxergam. Segundo ele, “é bom para porque às vezes eles não conhecem uma formiga que transforma em tanajura, não conhece uma casa de marimbondo, não conhece o que é cupim”. Para ele, ouvir as histórias seria muito bom para ajudar estes adolescentes a imaginarem como são estas coisas, principalmente aqueles que nunca enxergaram.

As colocações do senhor Isaías mostraram que a leitura dramática em um contexto artístico, o teatro, do qual ele tinha poucas lembranças, promoveu nele momentos de resgate de suas memórias em uma etapa que ele considera a melhor de sua vida, trazendo à tona o desejo de retornar aos lugares onde ele foi muito feliz. Suas falas trazem uma importante contribuição para esta pesquisa quando ele sugere que a leitura dramática para os adolescentes com deficiência visual, dizendo que ela pode oferecer oportunidades para que eles se familiarizem com coisas que talvez os mesmos desconheçam. Neste caso, ele cita detalhes do tempo em que viveu na roça, como a transformação de uma formiga em tanajura. Suas colocações respondem de forma especial aos meus questionamentos sobre o papel da leitura dramática como instrumento eficaz de acessibilidade das pessoas deficientes visuais ao teatro. Creio que um trabalho junto às pessoas com deficiência visual que frequentam as escolas municipais poderia motivá-las a usufruir os benefícios proporcionados pela ADEVIPA, inclusive com uma agenda programada para leituras dramáticas.

Meu terceiro entrevistado chama-se João, tem 57 anos, é casado, tem uma filha. Mora no bairro onde está localizada a ADEVIPA. Nasceu com problemas visuais e perdeu totalmente a visão ainda jovem. Estudou até o Ensino Médio. Trabalhou em empresas de Belo Horizonte, indicado pelo então presidente do SESI daquela cidade, que também possuía

deficiência visual. Em outro período trabalhou como camelô e viajava de ônibus sozinho até São Paulo para buscar as mercadorias para revenda. Atualmente, trabalha como diretor fundador da ADEVIPA e como instrutor de escrita e leitura do Sistema Braille. Estava à vontade e seguro na entrevista. Respondia com prontidão todas as perguntas. João é um consumidor voraz de livros tem muita boa fluência na leitura. Segundo ele, poucas pessoas conseguem ler pelo Sistema Braille com tamanha fluência.

João disse ter gostado muito da leitura, achou muito lindo e daria nota dez. Porém, para ele, o que fizemos não foi uma leitura, mas a dramatização de um texto. “Achei muito chique a dramatização suas. Vocês chorando, rindo, gritando, esperneando, fazendo tudo aquilo”. Segundo ele, em uma novela não se vê o texto, na leitura dramática o texto não fica escondido. Ele disse ter gostado muito da combinação das vozes das atrizes.

Sobre as diferenças entre assistir uma peça de teatro e ouvir a leitura dramática, ele disse que a leitura é contínua, que nós só paramos depois que termina. No teatro não, passa uma coisa, depois passa outra. Disse que na leitura não há tempo para isso. Segundo ele, “A leitura é mais baseada na leitura mesmo, aquele texto corrente. Lá você pode errar, porque você erra na palavra, mas não erra na ação”. Para ele a diferença básica da leitura que ele está acostumado a fazer e a leitura dramática é a dramatização.

João achou a história bonita, mas um pouco complexa, difícil de entender. Ele disse que havia muito conteúdo em pouco texto, mas não achou cansativo. João conseguiu abstrair-se e criar várias imagens da história. Segundo ele, “primeiro imaginei que as duas eram retardadas. Depois imaginei uma colina, as duas num piquenique. Aí, as duas paranóicas jogaram um pano no chão, colocaram a comida lá e deixaram encher de formiga”. João não associou a história contada na leitura dramática a nenhuma de suas vivências. Disse que gostaria de ouvir outras histórias através da leitura dramática e sugeriu que lêssemos “O Bem Amado”, de Dias Gomes, que é uma história que ele gosta muito.

A partir dos relatos de João, percebi que a vivência com a leitura dramática lhe proporcionou um exercício crítico sobre o texto ouvido, quando ele diz que a leitura foi complexa para seu entendimento. Além disso, ele pode fazer comparações com sua prática de leitura, dizendo que a única diferença que percebe entre a leitura em livros e a audição da leitura dramática reside apenas na dramatização presente nesta. Para ele, não há diferenças na fruição. Suas colocações contribuem para que possamos repensar e refletir sobre a escolha de textos para a leitura dramática.

As três entrevistas realizadas em profundidade com as pessoas selecionadas contradizem e derrubam toda a “visão” estereotipada gerada pelo preconceito sobre as

mesmas. Elas mostraram que estas pessoas enfrentam muitas dificuldades para viverem em sociedade, mas que cada um encontra sua própria forma de enfrentá-las em seu cotidiano. Desta forma, elas buscam viver com autonomia e independência.

Neste sentido, os relatos das pessoas com deficiência visual, revelaram que a leitura dramática pode contribuir para este processo de busca da autonomia. As vivências com a leitura dramática promoveram a sociabilidade entre as pessoas em momentos de descontração, integração e trocas; provocaram nelas um exercício de reflexão sobre suas trajetórias de vida, recordando o passado, vivenciando inúmeras experiências marcantes, principalmente as vividas na infância e em família. Isso mostrou que as construções imagéticas a partir da escuta da leitura dramática estão diretamente ligadas à memória de algumas pessoas. As histórias que constroem em suas imaginações são reflexos de suas vivências. Para estas pessoas, trazer à tona suas lembranças não foi um exercício nostálgico, mas demonstrou importância, satisfação e gratidão das pessoas pelas experiências que a vida lhes proporcionou em suas trajetórias. Todas as pessoas participantes revelaram o desejo de novas experiências com a leitura dramática.

2.5 Sugestões para a realização de leituras dramáticas em espaços alternativos como associações, escolas, bibliotecas, etc.

Através da abordagem etnográfica, este trabalho mostrou como a leitura dramática pode ser um recurso interessante de acessibilidade a arte para as pessoas com deficiência visual. Como se viu neste trabalho, a leitura dramática pode ocasionar ao seu público as seguintes vivências: sociabilidade, abertura para discussão de questões existenciais, proximidade com o universo artístico, estimular a criatividade.

Pensando na importância dessas vivências supracitadas nas vidas das pessoas com quem interagi em pesquisa tomo a iniciativa de sugerir ao leitor formas de realização destas atividades, pois aprendi no curso de Licenciatura em Teatro a importância de passar as teorias, os conhecimentos apreendidos nas pesquisas e os discursos no âmbito das artes para uma prática efetiva, em movimento artístico vivo. Para isso, tomei como base os conhecimentos adquiridos na disciplina Laboratório de Teatro¹⁶, na qual aprofundamos sobre jogos teatrais e suas aplicações em encontros presenciais com oficinas e onde aprendemos sobre princípios para o trabalho do facilitador de jogos teatrais, que nos prepararam para

¹⁶ Disciplina realizada pela professora Sulian Vieira no segundo semestre de 2011 no departamento de Artes Cênicas do Instituto de Artes da Universidade de Brasília.

lidarmos com o campo e os sujeitos da pesquisa. Neste sentido, as experiências com os estágios, por exemplo, foram de suma importância, pois nos colocaram frente a grupos distintos com os quais foi necessário observar as especificidades, estabelecer uma relação a partir das mesmas para que fosse possível construir um trabalho satisfatório.

Minhas vivências com a leitura dramática no Grupo Perna de Palco e todo aprendizado adquirido com esta pesquisa são fundamentais e dão suporte necessário para a realização de desta proposta. Segundo Gennaro (2010) o texto dramático “carrega marcas de sua dimensão espetacular”, tanto pelas características das personagens descritas no texto quanto pelos signos usados pelo teatro. Portanto, a leitura dramática possibilita ao ouvinte maior aproximação da linguagem teatral.

Considerarei trazer aqui alguns toques para a realização da leitura dramática, não com a pretensão de servir como modelo, mas para que este trabalho possa ser um instrumento que contribua com pesquisadores, professores e profissionais que estão abertos a leitura dramática como instrumento educação pela arte capaz de promover a cidadania e acessibilidade para diversos tipos de público, dentre eles as pessoas com deficiência visual.

2.6 Toques para uma leitura dramática.

Ao iniciar o processo de preparação para a leitura dramática, o diretor da mesma deve buscar informações sobre o público com o qual estará trabalhando. As características como faixa etária, nível de escolaridade e condição social auxiliarão na escolha do texto e na forma como se relacionar com as pessoas presentes no evento.

O tipo de linguagem a ser usado nas conversas iniciais de orientação sobre o comportamento durante a leitura, as explanações sobre o processo e os diálogos após as leituras, será importante para que o público sinta-se confiante e à vontade para expressar-se. É importante que o diretor repasse estas informações para o elenco que fará a leitura, para que o mesmo também se familiarize com o ambiente onde será feito o trabalho.

Vale ressaltar a importância de se buscar referencial teórico sobre leitura dramática. Há vários artigos disponíveis na web que tratam experiências realizadas com este recurso. Estes trabalhos são fundamentais para se entender as diversas possibilidades da leitura dramática, tanto na forma de se fazer, quanto na sua aplicabilidade.

Outro passo importante no processo inicial é buscar conhecer o espaço onde será realizada a leitura. Desta forma, já se pode pensar nas estratégias de transformação temporária do espaço e orientar as pessoas responsáveis por tal procedimento. Atentar também para a

acústica no espaço. Quanto melhor a acústica, melhor será a escuta dos ouvintes. É importante que seja providenciado uma mesa grande, ou várias pequenas, para que os atores tenham espaço suficiente para se movimentarem, caso seja necessário manusear objetos para produção de efeitos sonoros.

O público deve estar sempre de frente para os atores, para que não haja interferência na audição da leitura. É necessário que haja um aparelho de som e um sonoplasta para execução da trilha sonora. Um detalhe importante na escolha do espaço é verificar se não haverá interferências sonoras externas durante o processo da leitura, para que a audição e a fruição do público não sejam prejudicadas. Será necessária a presença de guias para a condução das pessoas com deficiência visual pelo espaço, principalmente se este for um espaço onde elas já transitem livremente e o mesmo for modificado.

É importante abrir o diálogo após a leitura, pois faz parte do processo e, além disso, ao colocar suas impressões, sensações ou críticas, colocamos o ouvinte como participante ativo no trabalho e alcançamos o retorno necessário para o diagnóstico final da atividade. O conhecimento sobre o ambiente e sobre o público é muito importante neste momento, para que as conversas sejam conduzidas de forma que as pessoas se sintam à vontade para se expressarem. Esta condução pode ser feita no sentido de motivar as pessoas a falarem sobre suas experiências anteriores com a leitura dramática ou com o teatro, sobre as imagens que criaram em sua imaginação a partir da escuta do texto, sobre as lembranças que o mesmo trouxe para elas. Desta forma, cada uma tem a oportunidade de expor a história construída em sua imaginação.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o início de minha trajetória artística procurei refletir sobre a importância da arte na vida das pessoas, sobre como ela pode modificar o olhar do indivíduo sobre o mundo e a partir deste novo olhar buscar transformações para um mundo melhor para todos. O curso de Licenciatura em Teatro me trouxe oportunidades de aprofundar nas reflexões sobre a arte educação na formação do sujeito.

O exercício desta pesquisa me levou à busca de um novo contexto para promover educação pela arte. Através dele, pude experimentar o papel da arte educação na vida de pessoas com deficiência visual. A experiência da leitura dramática proporcionou a estas pessoas um exercício de apreciação e participação de uma prática teatral. Promoveu acessibilidade a arte, cidadania, conhecimento, integração, criatividade, resgate da memória. Futuramente, pretendo continuar com o projeto de Leituras Dramáticas na ADEVIPA, participando como público, para que assim possa aprofundar ainda mais nas reflexões sobre as sensações e reações das pessoas com deficiência visual frente ao processo.

Assim, a arte cumpre seu papel de abrir horizontes para novos olhares de homens e mulheres ao seu meio e para novas ações de transformação. Neste sentido, devo ressaltar a importância da abertura de instituições como a ADEVIPA à educação pela arte. O seu trabalho com as pessoas com deficiência visual é no sentido de motivá-las a buscar sua independência e autonomia. Abrindo suas portas para experimentações artísticas, incluindo-as nas vivências de seus usuários, a associação compreende e assume a importância do papel da arte neste processo.

REFERÊNCIAS

- ABEL, Marcos Chedid. **O insight na Psicanálise. Psicologia Ciência e Profissão**, 2003, 23(4), 23-31. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v23n4/v23n4a05.pdf>>. Acesso em: 24/10/2014
- ALMEIDA, Rejane Cleide Medeiros de. **Cidadania das Pessoas com Deficiência Visual do Estado de Goiás – ADEVEG: Trajetória, Organização e Discurso**. PPGE/UFG. Comunicação. Formação e Profissionalização Docente. Disponível em: <http://anaisdosimposio.fe.ufg.br/up/248/o/1.4.__13_.pdf>. Acesso em: 19/10/2014.
- ALMEIDA, Nizael Flores de; GONÇALVES, Cristiane Helena Parré. **Leitura Dramatizada:Um Olhar Literário**. Disponível em: <[http://www.inf.unioeste.br/enined/anais/artigos_enined/A17.pdf](http://www.google.com.br/#q=trabalhos+academicos+sobre+aconstru%C3%A7%C3%A3o+do+imaginario+e+a+leitura+dramatica&ei=9VWdUZPKD5SK9ASokoDgCQ&start=10&sa=N&bav=on.2,or.r_qf.&bvm=bv.46751780,d.dmQ&fp=8f0b7f52cf9e9966&biw=1024&bih=677,>. Acesso em: 22/05/2013</p>
<p>ANASTÁCIO, Silvia Maria Guerra; TURECK, Lúcia Terezinha Zanato. Criação de Mídias Sonoras Como Instrumento de Acessibilidade a Textos Literários. II ENINED – Encontro Nacional de Informática e Educação. ISSN: 2175 – 5876. Disponível em: <. Acesso em: 29/08/2014
- BRITANNICA Escola Online. **Peça Teatral**. Enciclopédia Escolar Britannica, 2014. Web, 2014. Disponível em: <<http://escola.britannica.com.br/article/481171/peca-teatral>>. Acesso em: 06 de outubro de 2014.
- CELLA, Roberto Gabriel; SUSUKI, Ricardo Teiji. **Acessibilidade e Mobilidade dos Deficientes Visuais no Município de Piracicaba – SP**. DRUCIAKI, Vinícius P.; FERREIRA, Enéas R.; OLIVEIRA, Rafael R. **Geografia e transportes [recurso eletrônico]:estudos sobre circulação, mobilidade e acessibilidade /** Vinícius Polzin Druciaki, Enéas Rente Ferreira, Rafael Rodrigo de Oliveira,organizadores. - Rio Claro: UNESP/IGCE, Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2011/ 190 p.: il., figs., gráfs.,tabs., quadros, fots., map. Editora da Pós-Graduação em Geografia. IGCE. Disponível em: <http://www.rc.unesp.br/igce/mobilidade/downloads/geografia_transportes.pdf>. Acesso em: 19/10/2014
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio Eletrônico – Século XXI – O Dicionário da Língua Portuguesa**. Versão 3.0. Lexicon Informática Ltda. Editora Nova Fronteira. 1999.
- FREIRE, Paulo. **Educação e Conscientização**. CIDOC (Centro Intercultural de Documentacion) CUADERNO nº 25. Centro Capítulo IV de Educação como prática de Liberdade. Ed. Paz e Terra – 1ª edição. Rio de Janeiro, 1967. Disponível em: <file:///C:/Users/Usuario/Downloads/FPF_OPF_08_005.pdf>. Acesso em 04/11/2014.
- FREITAS, Jônatas Lacerda de. **A Observação Participante de um Grupo de Alunos na Terceira Infância que Utilizam o Computador Frequentemente**. Universidade Federal de

Santa Maria. Centro de Ciências Sociais e Humanas. Curso de Ciências Sociais. Santa Maria, RS, 2008. Disponível em: <http://www.academia.edu/7637800/A_OBSERVA%C3%87%C3%83O_PARTICIPANTE>. Acesso em: 20/10/2014.

FREITAS, Sicília Calado. UFPB, UFRJ. **Cultura, Etnografia e Imagem no Ensino de Artes Visuais**. 19º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas “Entre Territórios”. Cachoeira, Bahia, 2010. Disponível em: <http://www.anpap.org.br/anais/2010/pdf/ceav/sicilia_calado_freitas.pdf>. Acesso em: 29/08/2014

GADOTTI, Moacir. **A Escola e o Professor: Paulo Freire e a paixão de ensinar**. Centro de Referência Paulo Freire/acervo.paulofreire.org. Instituto Paulo Freire. 1ª edição – São Paulo. Publisher Brasil, 2007. Disponível em: <http://acervo.paulofreire.org:8080/xmlui/bitstream/handle/7891/2773/FPF_PTPF_12_026.pdf>. Acesso em 04/11/2014.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas**. 1ed., 13. reimp. – Rio de Janeiro, LTC, 2008. Disponível em: <http://identidadesculturas.files.wordpress.com/2011/05/geertz_clifford_a_interpretac3a7c3a3o_das_culturas.pdf>. Acesso em 04/11/2014.

GENNARO, Claudete Marlene Marchi Di. **A Leitura Dramática: Uma Alternativa Para Melhoria do Ensino**. Secretaria de Estado da Educação – Superintendência da Educação – Diretoria de Políticas e Programas Educacionais – Programa de Desenvolvimento Educacional. Arapongas, Paraná, 2010. Disponível em: <<http://www.apswalfredocorrea.seed.pr.gov.br/redeescola/escolas/1/150/163/arquivos/File/ProjetoIntervencaoclaudete.pdf>> Acesso em: 30/10/2014

GIL, Marta. (org.) **Deficiência Visual. Cadernos da TV Escola**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação a Distância. N1/2000. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/deficienciavisual.pdf>>. Acesso em: 10/08/2014.

GUINSBURG, J.; FARIA, João Roberto; LIMA e Mariangela Alves de. (orgs.) **Dicionário do Teatro Brasileiro: temas, formas e conceitos**. Sesc São Paulo. Editora Perspectiva. São Paulo, 2006.

HARTMANN, Luciana. **‘Revelando’ Histórias: os usos do audiovisual na pesquisa com narradores da fronteira entre Argentina, Brasil e Uruguai**. UFRJ. Disponível em: <[file:///C:/Users/Usuario/Downloads/1621-3455-1-PB%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Usuario/Downloads/1621-3455-1-PB%20(2).pdf)>. Acesso em: 29/10/2014.

JAPIASSU, Ricardo. **Por que Teatro na Escola**. Texto baseado em versão escrita de alocução pronunciada em 27 de março de 2006, durante a abertura do Seminário de Formação em Serviço de Educadores no Projeto Teatro na Escola, promovido pelo Governo do Estado do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre. Texto disponibilizado na plataforma do curso de Licenciatura em Teatro UAB/UnB.

JARDIM, João; CARVALHO, Walter. **Janela da Alma**. Filme-documentário. Edição: Karen Harley e João Jardim. Distribuição: Copacabana Filmes e Produções. Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=56Lsyci_gwg>. Acesso em: 29/10/14

LIGNELLI, César; PACHECO, Sulian Vieira. **Laboratório de Teatro 1: Uma Perspectiva do Teatro Direcionada a Alguns Conceitos, Princípios e Respectiva Aplicabilidade.** Licenciatura em Teatro. Módulo 7. Laboratório de Teatro 1. Universidade de Brasília. Gráfica e Editora Brasil. Brasília, 2013. . Texto disponibilizado na plataforma do curso de Licenciatura em Teatro UAB/UnB.

LOBO, Andréa Maria Favilla. **A leitura Dramática na Formação do Artista Docente.**

Universidade Federal do Acre. UFAC. Disponível em:

<<https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=5&ved=0CDYQFjAE&url=http%3A%2F%2Fperiodicos.ufpb.br%2Ffojs%2Findex.php%2Fmoringa%2Farticle%2Fdownload%2F11747%2F6802&ei=CtbnU72VMqXMsQTYygE&usq=AFQjCNHqLun65RWsWZ5X-uGa0-QKJHgSzg>> . Acesso em: 10/08/2014.

LUCAS, Tatiana. **Reflexões sobre o papel e a importância do voluntariado.** Tatiana Lucas.

Disponível em: <<http://www.libertas.com.br/libertas/reflexoes-sobre-o-papel-e-a-importancia-do-voluntariado/>>. Acesso em 09/10/2014.

MARTINS, Luciana Conrado et al. **Que público é esse? Formação de públicos de museus e centros culturais.** Percebe. Pesquisa, consultoria e treinamento educacional. Câmara Brasileira do Livro. São Paulo, 2013. Disponível em:

<http://percebeeduca.com.br/wpcontent/uploads/2013/05/Guia_%C6%92_verde_simples.pdf> . Acesso em: 05/11/2014

MASINI, Elcie A. F. S. **O Perceber e o Relacionar-se do Deficiente Visual; orientando professores especializados.** São Paulo, 1990. (Tese de Livre Docência – Faculdade de Educação da USP) Disponível em:

<<file:///E:/TCC/artigos/O%20Perceber%20e%20o%20Relacionar-se%20do%20Deficiente%20Visual%20orientando%20professores%20especializados%20-%20Elcie%20Masini.htm>> Acesso em: 25/05/2013

MONTEIRO, Janete Lopes. UFSC. **Os Desafios dos Cegos nos Espaços Sociais: Um Olhar Sobre a Acessibilidade.** IX AMPED SUL – Seminário de Pesquisa Em Educação da Região Sul. 2012. Disponível em: <<file:///C:/Users/Usuario/Downloads/1081-7293-1-PB.pdf>> .

Acesso em: 25/09/2014.

MOTTA, Livia Maria Villela de Mello. **Aprendendo a Ensinar Inglês para Alunos Cegos e com Baixa Visão – Um Estudo na Perspectiva da Teoria da Atividade. Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem.** Pontificia Universidade Católica de São Paulo. 2004.

Disponível em: <http://www.vercompalavras.com.br/pdf/tese_doutorado.pdf> . Acesso em: 15/09/2014

NAZARETH, Carlos Augusto. **Como realizar uma leitura dramática?** Disponível em: <http://www.cepetin.com.br/index.php?page=artigos_texto&artigo_texto=12>. Acesso em: 26/10/2014

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS – ARTE. Ministério da Educação e do Desporto – Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, 1997. Disponibilizado na plataforma do curso de Licenciatura em Teatro UAB/UnB.

ROCHA, Ana Luíza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. **Etnografia: saberes e práticas**. Artigo Publicado no livro organizado por Celi Regina Jardim Pinto e César Augusto Barcellos Guazzelli. Ciências Humanas: pesquisa e método. Editora da Universidade. Porto Alegre, 2008. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/30176/000673630.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 09/09/2014

SANTOS, Rodrigo Severo dos. Universidade Federal do Rio Grande do Norte; ALVES, Jefferson Fernandes. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. **Teatro e Deficiência Visual: A Cena como uma Leitura Improvisacional do Mundo**. Disponível em: <http://www.ccsa.ufrn.br/6sel/anais/public/papers/RODRIGO_SEVERO_E_JEFFERSON_FERNANDES.pdf>. Acesso em: 20/06/2013

SILVA, Maria Oneide Lino da et al. **Etnografia e Pesquisa Qualitativa: Apontamentos Sobre Um Caminho Metodológico de Investigação**. Disponível em: <http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI.encontro.2010/GT.1/GT_01_15.pdf>. Acesso em: 05/09/2014

TOMAZ, Marina Vargas; FRATARI, Maria Helena. **Imagens da Não-visão: o Ensino Multissensorial de Artes para Alunos com Deficiência Visual**. Artigo elaborado para conclusão de curso de Pós Graduação em Educação Inclusiva na Faculdade Católica de Uberlândia. Disponível em: <<http://catolicaonline.com.br/revistadacatolica2/artigosn4v2/32-pos-grad.pdf>>. Acesso em: 25/10/2014

URSSI, Nelson José. **A Linguagem Cenográfica**. Universidade de São Paulo. Escola de Comunicações e Artes. Programa de Pós Graduação. Área de Artes Cênicas. São Paulo, 2006. Disponível em: <http://www.iar.unicamp.br/lab/luz/ld/C%EAnica/Pesquisa/a_linguagem_cenografica.pdf> Acesso em: 05/11/2014.

WENKE, Paula. **Teatro dos Sentidos. “O que os OLHOS não vêem o CORAÇÃO sente”**. Disponível em: <<http://www.teatrodossentidos.com/blog/>>. Acesso em: 25/05/2013

ANEXO 1 - Perguntas base das entrevistas

1 – Você já ouviu falar em leitura dramática? Pode relatar a primeira vez com este tipo de leitura? Onde foi? O que sentiu?

2 – o que é uma leitura dramática para você?

3 – pode falar como foi a sua vivencia com a leitura? Foi prazerosa, cansativa, especial?

4 – há diferenças entre a leitura dramática para outro tipo de leitura que você já acostumado a ouvir? Pode falar mais sobre isso?

5 – como se dá a sua leitura da leitura dramática? O que ocorre com você, com seu corpo, suas idéias, sensações ao fazer parte deste momento?

6 – o que acha da história que foi contada hoje? O que ficou desta história para você? Pode destacar alguma parte? Alguma personagem chamou mais sua atenção? Por quê?

7 – você associou a história a algum acontecimento de sua vida?

ANEXO 2 - Texto da leitura dramática**SAPATOS COM FORMIGAS
AS COISAS BOAS QUE NOS LEMBRAM DA VIDA**

Ed Anderson Mascarenhas

Personagens:

Genuína – a medrosa

Pétala – a ousada

Uma mulher aparece num foco de luz. Tem um prato com um bolo de aniversário. Oferece aos espectadores. Black out. Entra uma música. Aos poucos nos sugere perigo e suspense. A luz vai subindo lentamente. Duas mulheres estão escondidas atrás de caixas de papelão que estão cheias de suas coisas. Algo as ameaça. Até que pétala resolve sair para verificar se está tudo bem. Genuína, de dentro, aconselha pétala a ter cuidado, até que toma coragem e sai. As duas carregam suas armas para eventuais necessidades.

GENUÍNA – Ai, ai, ai...

PÉTALA – Pchiu!!! Acho que tá tudo bem lá fora.

GENUÍNA – Será?

PÉTALA – Vou observar. (começa a mexer as caixas como um periscópio) Eu não vi nada, acho que vou lá fora olhar.

GENUÍNA – Melhor não!

PÉTALA – Já to indo! (Pétala sai)

GENUÍNA – Vai com calma, Pétala!

(Pétala sai. Genuína vai levantado devagar, deixando aparecer só a cabeça atrás das caixas).

GENUÍNA - Pétala, ta vendo alguma coisa? (ainda atrás das caixas)

PÉTALA - Pchiu! Não!

(Genuína vai levantando devagar e saindo também, e Pétala já está do lado esquerdo).

GENUÍNA - Pétala, ta vendo alguma coisa?

PÉTALA - Não!

(Até que na terceira vez...)

GENUÍNA - Pétala, ta vendo alguma coisa?

PÉTALA - Não!

GENUÍNA – Então, acho que a gente pode ficar aqui!

PÉTALA - (decide) Sim, por hora, podemos.

GENUÍNA - Ufa! Não agüentava mais tanto “sufocamento”...

PÉTALA - Mas, tenha cuidado por onde pisa, nenhum terreno é totalmente seguro... (vendo o medo na cara de Genuína) Mas todos eles são completamente domáveis!

GENUÍNA – Pode deixar comigo, sou um poço delicadeza.

PÉTALA – Ai, ai, ai! Por que você não aciona logo um bombeiro?

GENUÍNA – Perdão, amiga... Pétala me ajuda com a colcha.

(vão dobrar a colcha e Genuína dobra errado)

Pétala – Não Genuína, não é assim não. (Pétala dobra em quatro)

(Genuína não consegue dobrar, embola a colcha e joga em cima de Pétala)

(Pétala, que foge de meias para não fazer barulho, resolve calçar o sapato já que está segura e se depara com muitas formigas).

Música das formigas

PÉTALA – (sentada no chão, olha para dentro do sapato) Veja Genuína... (ri) Elas estão aqui! Elas estão todas aqui.

GENUÍNA – Elas quem?!

PÉTALA – Estão bonitas, charmosas... Pequeninas, e charmosas... Parece que estão numa festa... Num baile...

GENUÍNA – Elas quem?!

PÉTALA – Parece que estão ouvindo uma música especial... Talvez uma ópera, Uma música dessas que fazem tremer os pés entende? Olha, olha como elas estão felizes. Da pra ouvir umas risadas.

GENUÍNA – Elas quem?!

PÉTALA - Estão escapulindo ligeiras, cintilantes, afobadinhas e danadas... Como se... Como se tivessem pressa de aproveitar a vida, como se soubessem que...

GENUÍNA – (grita) Elas quem?!

PÉTALA – (mostra o sapato) Você não consegue enxergá-las?

GENUÍNA – (pega o sapato nervosa, após um tempo, desiste de encontrar algo)

PÉTALA – (decepcionada) Você não vê?

GENUÍNA – Não consigo Pétala. Desculpa, não consigo.

PÉTALA – Tenta de novo, vai!

GENUÍNA - (pega novamente o sapato nervosa, após um tempo, desiste de encontrar algo)

PÉTALA – E então?

GENUÍNA – Ora essa! Não tem nada aqui! Os sapatos estão vazios, Pétala... Que brincadeira é essa? Eu tenho mais o que fazer!

PÉTALA – As formigas. Você não consegue enxergar as formigas? Elas estão todas aqui. Olha como elas são bonitas, olha! Charmosas. Porque Genuína? Porque você não consegue enxergar as formigas? (põe a mão na cabeça como se sentisse uma pontada)

GENUÍNA – (preocupada) Vai passar, tenha paciência...

PÉTALA – A minha cabeça... Dói demais...

GENUÍNA – eu vou pegar os remédios.

PÉTALA – Não. De novo, não!

GENUÍNA – Vou fazer um chá. Você gosta de chá, lembra?

PÉTALA – Só não me esqueço dessa dor.

GENUÍNA – Mas vai passar, tenho certeza que vai... (para si mesma) Tem que passar. (3x batendo os pés no chão)

PÉTALA – Preciso sair daqui! (pausa) Me ajuda?

GENUÍNA – Ajudo, eu sempre te ajudo, lembra?

PÉTALA – Só não me esqueço desta dor...

GENUÍNA – Me deixa pegar os remédios?

PÉTALA – Não! Vai passar, com o tempo vai passar. Genuína, você tem um calendário?

GENUÍNA – Não, aqui nunca teve calendários.

PÉTALA – Que estranho... Por quê?

GENUÍNA – Eu sei La Pétala, deixa de pergunta difícil.

PÉTALA – (olha os sapatos) Fugiram... As danadinhas fugiram... (ri) Devem ter ido dar um passeio em outro lugar.

GENUÍNA – (ri) Você e suas histórias...

PÉTALA – Isso não é história!

GENUÍNA – (irônica) Interessante... Interessantíssimo...

PÉTALA – Escuta!

GENUÍNA – Vamos brincar de outra coisa?

PÉTALA – Você não está prestando atenção

GENUÍNA – Estou sim, juro! Mas, agora vamos brincar de outra coisa. (canta: meu limão, meu limoeiro, meu pé de jacarandá...)

(Arremessa um tapete em forma de peixe. Pétala ao vê-lo no chão começa a brincar de “peixoto”: O peixe morreu. Ela chora bastante, com dramaticidade, enfeita-se com um véu e põe o peixe em uma caixinha de papelão com flores).

PÉTALA – Ahh! Peixoto, ai Peixoto! Como é grande a minha dor... O meu peixe morreu!

GENUÍNA – Não é peixe é tapete!

PÉTALA - O meu Peixoto morreu!

GENUÍNA – Eu já falei que é tapete e tapete não morre!

PETALA - Meu peixe, o meu Peixoto, meu querido peixe Peixoto morreu!

(Genuína fica com pena da tristeza de Pétala. Chora escandalosamente. Pétala desconfia).

GENUÍNA – A minha perda é maior que a sua Pétala. Você não precisa ficar triste, deixa que eu choro por você (começa a chorar exageradamente)

PÉTALA – Ai, ai, que dor enorme Genuína. Perdão amiga. Sua dor é realmente muito maior que a minha. Você precisa descansar um pouco.

GENUÍNA – Você tem razão... Estou com um monte de sono de tanto chorar... (boceja) Chorar da uma cansa...Eu vou me deitar. Você vem?

PÉTALA – Claro... nós vamos juntas, bem juntinhas. Onde está o travesseiro? E a colcha? Estou com frio...

GENUÍNA – Eu também estou com frio... uma colcha quentinha achei para nós duas.

PETALA – Que friooooo!

GENUÍNA – Que frioooooooooooo!

PETALA – Que frioooooooooooooooooooo!

GENUÍNA – Vamos fazer uma fogueira?

PETALA – Pode deixar que eu faço!

(Improvizam umas lanternas e uns tecidos transparentes e imaginam uma fogueira. Aquecem as mãos).

GENUÍNA – Ta mais “aquecidilda”?

PETALA – To sim, obrigada. E você?

GENUÍNA – Super “aquecidilda”!!! (da um beijo em Genuína que retribui)

(Deitam-se e quase dormem)

PÉTALA – Genuína...

GENUÍNA – (sonolenta e com raiva) Hãh?!

PÉTALA – Ta dormindo?

GENUÍNA – To tentando... E você?

PÉTALA – Eu também to tentando.

GENUÍNA – Ta bom. Ate amanhã.

PETALA – Genuína...

GENUÍNA – (mais sonolenta) Hãh?!

PÉTALA – Ta dormindo?

GENUÍNA – (chateada) To tentando, ne? Mas, você não deixa...

PETALA – Ta bom. Ate amanhã.

Genuína – Até amanhã

(Depois de um silencio).

PETALA – Genuína...

GENUÍNA – (chateada) Ah Pétala, assim não há sono que chegue, né.

PETALA – Você tem um calendário?

GENUÍNA – Não. Aqui nunca teve calendários.

PETALA – Que estranho... Por quê?

GENUÍNA – E eu sei la ,Pétala.Deixa de pergunta difícil.

PETALA – Boa noite.

GENUÍNA – Boa noite.

PETALA – Genuína...

GENUÍNA – (*irritada*) Pétala, que tal se a gente dormisse em quatinhos diferentes, em caminhas diferentes, em colchas diferentes?

PETALA – É que to pensando umas coisas...

GENUÍNA – Mas, tem que pensar justo agora? Vê se desliga a tomada, minha filha, desliga...

PETALA – Não consigo!

GENUÍNA – Tenta!

PÉTALA – Deixa-me só fazer uma pergunta.

GENUÍNA – Só uma!

PÉTALA - Esta colcha nos esquentar por toda a noite não é mesmo?

GENUÍNA – Espero que sim, pois este frio ta danado de forte.

PETALA – Quais serão as cores de uma colcha ideal?

GENUÍNA - Segunda pergunta...

PETALA – As cores de uma colcha pra nos esquentar pela vida inteira?

GENUÍNA – Terceira!

PÉTALA – Responde!

GENUÍNA - Pela vida toda? É muito tempo... Teria que ser uma colcha enooooorme de grande.

PETALA – E se a vida da pessoa não for durar muito?

GENUÍNA – E eu sei la?

PETALA - Quais são as cores de uma colcha de quem vai morrer?

GENUINA – (*dramática*) Pétala... Ai a Pétala está morta! Não, não pode ser...Não faz isso comigo, minha amiga...Agora não, não desse jeito...Acorda,vai! Não pode ser... (gritando como gritou no peixe) A Pétala está morta!!!

(Volta ao passado. Ouve-se o som do auto falante de um hospital).

AUTO-FALANTE: Dr. Pelendril, emergência na Unidade 5! Emergência na unidade 5!!!

(Genuína como se ouvisse o auto falante, procura o som. Lentamente, pega um resultado de exame nas mãos. Abre e lê. Fica desesperada. Voz de pétala surge em off. Música trágica (da morte))

PÉTALA – OFF - (ri) O que é isso?

GENUÍNA – Chegou pra você.

PÉTALA – OFF - Pra mim? Quando?

GENUÍNA – Hoje. Pela manhã.

PÉTALA – OFF - (quase feliz) Uma carta?

GENUÍNA – Um resultado.

SOM – MÚSICA DAS FORMIGAS

PÉTALA – Ah!

GENUÍNA – Não vai abrir?

PÉTALA - Agora não!

GENUÍNA - Você tem que abrir.

PÉTALA – Depois.

GENUÍNA – Agora.

PÉTALA – Por quê?

GENUÍNA – (triste) Não há mais tempo.

(Como se retornássemos ao tempo que ficou suspenso, ao presente).

GENUÍNA – A Pétala ta morta! Ai, ai, ai...O que será de mim???

PÉTALA LEVANTA-SE NUM SOLAVANCO.

PETALA – (ri) Ciranda cirandeiro, quem riu por ultimo, riu primeiro!!!

GENUINA – (IMENSAMENTE FELIZ PELA AMIGA QUE NÃO ESTÁ MORTA) Deu beleleu no meu quintal, com esta eu quase me dei bem mal...

Som – música (talvez a mesma do início deste momento, porém num ritmo diferente, alegre, divertido)

GENUÍNA - Deu beleleu no meu quintal. Com essa eu quase me dei mal.

(As duas brincam, se abraçam e recomeçam o jogo. Genuína toca um apito, pega do bolso um bilhete e a entrega a pétala).

GENUINA – (pega outra carta, grita e apita) Correio, correio!!!

PETALA – Que “barulheria” é essa?

GENUINA – Não é “barulheria” é um bilhete.

PETALA – Um bilhete?

GENUINA – Chegou pra você.Cheirosinho, cheirosinho...

PETALA – Pra mim? Um bilhete de amor?

GENUINA – De despejo é que não é!

PETALA – (vê quem escreveu) Não pode ser...

GENUINA – De quem é? Lê logo, vai!

PETALA – É dele...

GENUINA – Jura??? (pausa) Dele quem?

PÉTALA – Dele, dele, dele.

(Música romântica. As duas dançam juntas. Talvez a mesma música deste momento, agora, num ritmo romântico)

GENUINA – O bilhete! O que diz o bilhete?

PETALA - É verdade...Preciso ler...(le a mensagem) Oh, não!

GENUINA – Oh, sim!

PETALA – Oh, não!

GENUINA – Oh, sim!

PETALA – Oh, sim!

GENUINA – Oh, não! Não, não, não....

PETALA – Oh, sim, sim, sim!!! Ele quer que eu vá pro alto da montanha, do outro lado do mundo.

GENUINA – Ai, meu Deus!

PÉTALA – Vamos dar uma volta ao mundo? Uma imensa e deliciosa volta ao mundo?

GENUÍNA – Ai,ai, ai... Agora?

PÉTALA - Eu preciso completar a minha história.

GENUINA – A esta hora?

PÉTALA – Genuína aprende: não há tempo melhor do que agora!

GENUÍNA - É tarde...

PÉTALA – Nunca é tarde quando é agora! Vamos pro alto da montanha agora!!

GENUÍNA – Tenho medo, tenho muuiiiiito medo!!

PÉTALA – De cair?

GENUÍNA – De não conseguir chegar!

PÉTALA – Vamos logo! Onde está o meu chapéu?

GENUÍNA – Ali, junto com a minha sombrinha... Faz tempos que não a uso...

PÉTALA – Temos que estar bem bonitas. O mundo precisa de beleza!!!

GENUINA – É verdade... Seremos duas belezuras!

(Música. As duas correm para pegar suas coisas. Genuína busca primeiros socorros e pétala desconversa).

PÉTALA – (Vendo que Genuína pega a mala de primeiros socorros) Deixa isso aí!

GENUÍNA – Nem pensar!

PÉTALA – Prá que isso?

GENUÍNA – Uma mulher prevenida vele por duas!

PÉTALA – Se é assim, o que é que você está levando?

GENUÍNA – (sempre séria) Esparadrapo.

PÉTALA – (leve, sonhadora) Que bom, Maquiagem.

(Genuína não acredita no que ouve e começa entre elas um desafio).

GENUÍNA – Comprimidos!

PÉTALA – Balinhas de goma? Que boa idéia!

GENUÍNA – Atadura.

PÉTALA – Cachecol.

GENUÍNA – Éter

PÉTALA – Perfumaria.

GENUÍNA – Ah é? ...Cadeira de rodas.

PÉTALA – Carrossel.

GENUÍNA – Radiografia.

PÉTALA – Espelhos.

GENUÍNA – Ultrassom.

PÉTALA – Cinema.

GENUÍNA – Bisturi.

PÉTALA – Pincel.

GENUÍNA – Pois então só me resta a infalível...Injeção!!!!

PÉTALA –Cócegas.

GENUÍNA – Cócegas?!

PÉTALA– (vai para Genuína e lhe faz cócegas, muitas cócegas) Cócegas...Cócegas...Cócegas...Cócegas... Então, eu, se fosse você, largaria esta maleta de remédios e usaria minhas mãos prá conseguir chegar ao meu destino. (séria) Mesmo que seja curto o meu tempo, Genuína, que ele dure para sempre, enquanto existir! Me ajude, minha amiga a terminar a minha história com um final muito feliz?

GENUÍNA – Aqui está seu chapéu... que assim seja, minha amiga, o que não tem remédio, remediado está!

MÚSICA

ELAS CONSTRÓEM A MONTANHA. ANTES DE DAR O PRIMEIRO PASSO EM DIREÇÃO À MONTANHA.

PÉTALA – Genuína, você tem um calendário?

GENUÍNA – Não, aqui nunca teve calendários.

PÉTALA – Que estranho...Por quê?

GENUÍNA – Eu sei lá Pétala, deixa de pergunta difícil.

PÉTALA RECOLOCA SUA MEIA, PEGA OS SAPATOS E VERIFICA QUE NÃO TEM MAIS FORMIGAS. LEVA-OS NA MÃO. AS DUAS SEGUEM VIAGEM.

PÉTALA – Olha Genuína, olha... (vendo outra coisa) Olha alí... Quem será que voa mais alto? O passarinho ou o avião? (Genuína não vê nada do que Pétala está vendo)

GENUÍNA – Acho que é o avião...Ele vai mais rápido.

PÉTALA – Eu queria ser um passarinho.

GENUÍNA – Mas, o avião chega sempre primeiro!

PÉTALA – E quem é o mais livre? O que importa é a liberdade, Genuína...É a liberdade...(gira)

GENUÍNA – Ora essa..Liberdadeprá quê? (TEMPO) Veja lá a montanha, Pétala! É muito alta...Vamos voltar!

PÉTALA – Vamos em frente! Preciso dar o grito la do alto!

GENUÍNA – Não, não, naaão!!! È perigoso! Deixa de ser empinada!

PETALA – Eu quero, se eu quero eu vou!

GENUINA – Teimosa, merece umas boas palmadas.

PETALA – Me ajuda a subir?

GENUINA – (ajuda a amiga) Devagar...Vai bem devagar...Tenha calma...

Petala sobe na escada e sente o vento olhando tudo la de cima.

MÚSICA – SOM. O PRAZER DE PÉTALA É IMENSO E ISTO ENTUSIASMA GENUÍNA.

PÉTALA – Vem Genuína, isto é muito bom, é muito bom!!!! Sobe aqui e vem ver, vem ver isto agora!! Vem!!!

GENUÍNA SE AVENTURA A SUBIR E SOBE COM MEDO E DIFICULDADE, ATÉ QUE CHEGANDO LÁ EM CIMA, SE DIVERTE E GRITA COMO PÉTALA.

PETALA – Que maravilha, vamos... (sente-se mal), vamos..., vamos... Genuína!

GENUINA – O que houve? Você esta bem?

PETALA – Minha cabeça! Ta tudo tão lindo... tão especial!

GENUÍNA – (preocupada) Vai passar, tenha paciência...

PÉTALA – A minha cabeça... Dói demais...

GENUÍNA – Vou pegar os remédios.

PÉTALA – Não. De novo, não!

GENUÍNA – Agora chega de estripulia! É você quem vai me ouvir e fazer o que eu quiser. Venha!

GENUÍNA AJUDA PÉTALA A DESCER E A SE SENTAR. VISIVELMENTE ABATIDA, PÉTALA SENTE PICADAS NOS PÉS. TIRA OS SAPATOS E VÊ AS FORMIGAS. GENUÍNA CORRE PARA PEGAR UNS CRAVOS-DA ÍNDIA

PÉTALA: Pois então vocês estão de volta! E desta vez vieram me buscar?

GENUÍNA – Para afastar as formigas caseiras...

PÉTALA – Você vê as formigas, agora você as vê, Genuína!

GENUÍNA PEGA UM PUNHADO DE CRAVOS-DA-ÍNDIA E OS JOGA SOBRE PÉTALA. À MEDIDA QUE A CONVERSA VAI SEGUINDO, ELA VAI FICANDO MAIS AFLITA.

GENUÍNA - e impedir que cheguem nos açucareiros, faz-se um sachê com cravos-da-índia e coloca-se dentro.

PÉTALA – Mas eu não sou açucareiro.

GENUÍNA – Por isto não fiz sache e não coloquei dentro, eu estou jogando o cravo por fora de você!

PÉTALA – (ENTERNECIDA) Genuína...

GENUÍNA – (se afligindo mais) Eu não posso usar inseticidas em "spray" não dá bom resultado, pois as espécies de formigas urbanas possuem ninhos com milhares de operárias, dezenas de rainhas e, quando percebem o cheiro do inseticida, tratam de fugir para um local bem seguro, dividindo a colônia em vários pedaços e piorando a infestação.

PÉTALA – Genuína não tem importância...

GENUÍNA - O controle de formigas domésticas é difícil.

PÉTALA – Minha querida, tenha calma...

GENUÍNA CADA VEZ MAIS ANGUSTIADA E AFLITA VAI DEIXANDO PÉTALA ATORMENTADA

GENUÍNA - Empresas especializadas podem fazer uso de inseticidas com aparelhos de aerosol. Neste tipo de controle, o ninho deve ser localizado e furos devem ser feitos na estrutura acima e abaixo deste. O inseticida é então aplicado. Porém, sabe-se que a aplicação de substâncias químicas provoca a...

PÉTALA - (grita, sem ar) Você esta me sufocando! Estou sem ar...

GENUÍNA – Quem serei eu sem você, Pétala? Eu não posso te perder!

PÉTALA – Eu sou muito grande prá você me perder por aí, Genuína tonta, e formigas sempre vão existir, em qualquer lugar, em todas as épocas.

GENUÍNA – Então o que é que eu vou fazer?

PÉTALA – Estar comigo aqui e agora, isso sim! Aí tudo vira memória e a minha vida será para sempre!

GENUÍNA – Para sempre é um tempo enoooooorme!

PETALA – Genuína, você tem um calendário?

GENUÍNA PEGA UMA CAIXA E A ENTREGA A PÉTALA QUE A ABRE.

PETALA – Vários calendários... Estavam todos escondidos. Você estava escondendo todos estes calendários, Genuína... Eu preciso saber dos dias, das horas, dos segundos... Quero saber do meu último dia, como sei do primeiro, quero saber o dia de hoje, que é o dia de minha morte!

GENUÍNA – Fiz isto sem querer, fiz sem pensar, foi automático... É que eu nunca soube o dia do meu aniversário...

PÉTALA – Mas por que esconder calendários?

GENUÍNA – Puxa! Saber dos dias sem saber em qual deles eu nasci, ah isso me deixava muito triste...

PETALA – Você é mais tonta do que eu imaginava, sabia?

GENUÍNA – Pétala, ninguém nunca me deu parabéns. Nunca fiz festa, nem ganhei presente. Nunca comemorei o dia que nasci porque não sei quando foi isto. Mas afinal o que importa pensar nisto? Prá que servem calendários com dias diferentes, se todos os meus dias são iguais?

PETALA – Inventaremos um dia especial pra você! Que dia é hoje? (olha o calendário) Veja hoje é dia...(diz a data atual) É o dia do seu aniversario...

GENUÍNA – Jura...

PETALA - Dia de comemorar mais um ano de vida, da sua vida e mais um momento em que estou viva...(pausa) O último...Quero festa! Pra lembrar (olha para a platéia) dos amigos, dos parentes, dos vizinhos, dos amores, dos am...
 PETALA - Dia de comemorar mais um ano de vida, da sua vida e mais um momento em que estou viva...(pausa) O último...Quero festa! Pra lembrar (olha para a platéia) dos amigos, dos parentes, dos vizinhos, dos amores, dos amantes... Veja Genuína, eles vieram! Todos eles... E o bolo? Onde está o bolo? Não tem bolo? PÉTALA PEGA UMA CAIXA COM UMA VELA Ai, ai, ai... Tem que ter bolo, Genuína! Quem já viu aniversário sem bolo???

CANTA PARABÉNS PARA GENUÍNA, INCITANDO A PLATÉIA A ACOMPANHÁ-LA.
 NO MEIO DO PARABÉNS PÉTALA DESAPARECE.

Diminui a iluminação. Genuína corta um pedaço de bolo e percebe várias formigas.

GENUÍNA – Ora, essa... Veja só quem está aqui... Vocês nunca são convidadas, mas sempre aparecem, não é? Eu sei Pétala, sempre vejo formigas! Como você mesma falou... elas sempre vão existir, como você na minha memória... (pega os sapatos de Pétala e coloca no peito) Minha amiga... Que “saudadera” danada... (coloca os sapatos à frente da caixa) É pra você este pedaço de bolo. O bolo do meu aniversário. (coloca o bolo em cima da caixa. Senta no chão e canta parabéns pra você.)

Cai a luz.

FIM